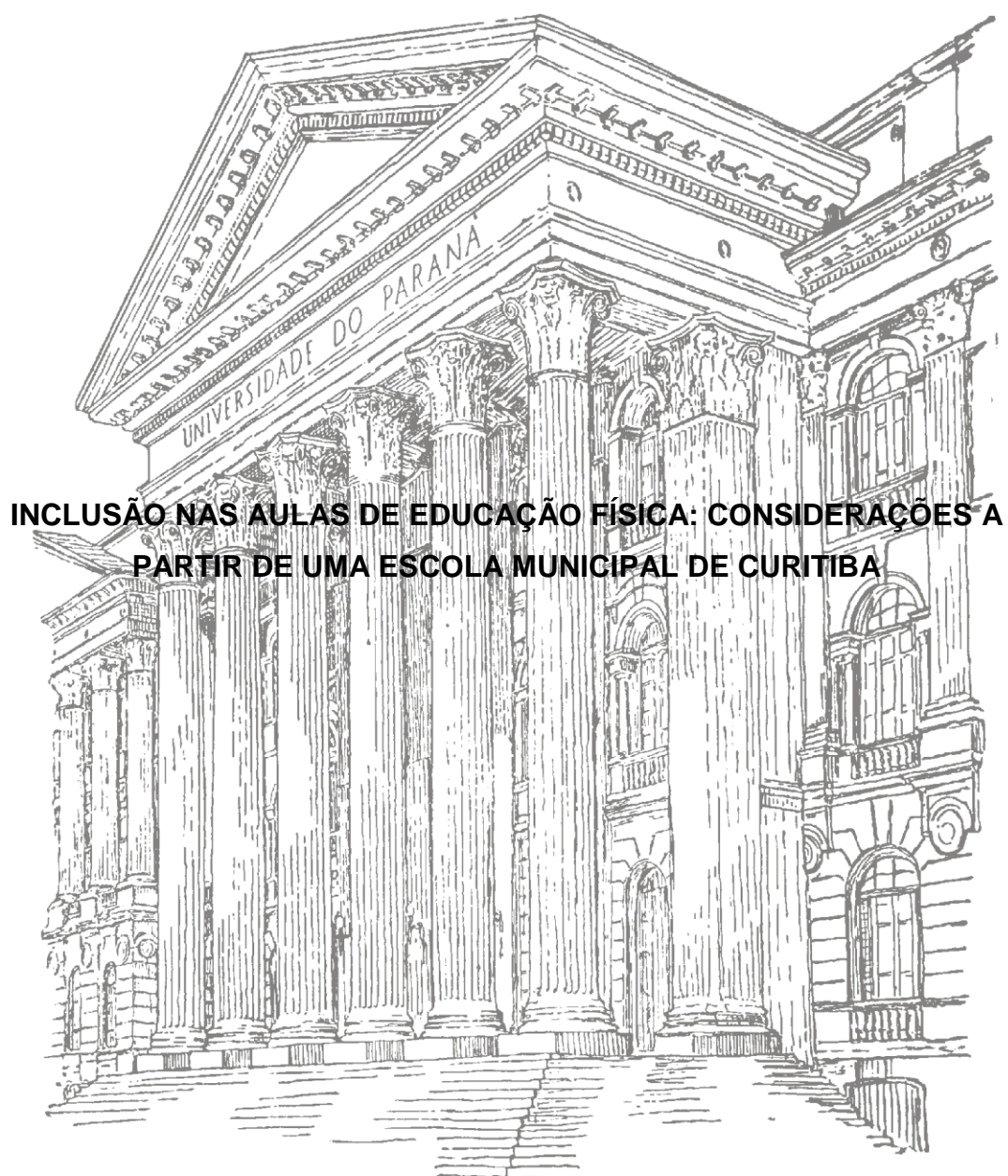


FERNANDO RODRIGUES DE ANDRADE



INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CURITIBA

CURITIBA 2018

FERNANDO RODRIGUES DE ANDRADE

**INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: CONSIDERAÇÕES A
PARTIR DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CURITIBA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Educação Física, no Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dra. Verônica Werle

CURITIBA 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente aos meus pais, por formar minha base como pessoa, por me incentivar nos estudos e estar comigo em todos os momentos. Deixo aqui o meu obrigado à Edilson Alves de Andrade e Selma Rodrigues de Andrade.

Gostaria de enaltecer minha namorada por me tornar uma pessoa melhor desde que à conheci, obrigado Eloisa Quadros.

Um grande abraço para minha irmã Aline Rodrigues de Andrade, amo você.

Agradeço a minha orientadora pela atenção, por seu esforço e seu carinho em me ajudar na construção deste trabalho, obrigado Verônica.

Deixo o meu muito obrigado às professoras por participarem das entrevistas e contribuir para a minha pesquisa.

Agradeço aos Professores do PIBID, por enriquecer minha formação e me proporcionar experiências gratificantes.

Aos meus colegas da turma T desejo todo o sucesso do mundo e que nossa amizade se mantenha, obrigado por todo esse tempo juntos, onde aprendemos a conviver e a se ajudar.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
1. INTRODUÇÃO.....	7
1.2 QUESTÕES DE PESQUISA.....	11
1.3 OBJETIVO GERAL.....	11
1.4 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	11
1.5 CONTEXTO DE PESQUISA.....	12
2. REVISÃO TEMÁTICA.....	12
2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA ONTEM E HOJE.....	12
2.2 BREVE APONTAMENTOS HISTÓRICOS.....	16
2.3 INTEGRAÇÃO/INCLUSÃO.....	18
2.4 EXCLUSÃO/INCLUSÃO.....	22
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	25
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	28
3.3 ELIZANGELA.....	28
3.4 ROSE.....	29
3.5 LUIZA.....	31
3.6 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (2017).....	32
4. RESULTADOS E ANÁLISES.....	35
4.1 INCLUSÃO NA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA.....	36
4.2 AVANÇOS NA EDUCAÇÃO.....	38

4.3 SITUAÇÃO E ENCAMINHAMENTO.....	42
4.4 QUEM SÃO ESTES ALUNOS?.....	44
4.5 TRABALHO PEDAGÓGICO.....	47
4.6 FACILIDADES E DIFICULDADES.....	52
4.7 PROFISSIONAL ESPECIALIZADO.....	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
6. REFERÊNCIAS.....	61

RESUMO

O objetivo deste estudo de natureza qualitativa foi entender como o processo de inclusão tem sido desenvolvido em uma Escola Municipal de Curitiba, questionam-se como as professoras de Educação Física compreendem e desenvolvem o trabalho de inclusão com seus alunos e quais reflexões podem ser realizadas quanto à situação dos alunos com necessidades especiais nas práticas pedagógicas. Alguns conceitos são trabalhados durante o trabalho através do estudo de bibliografias dentre eles: Inclusão, Integração, Exclusão e Educação Especial. A pesquisa foi realizada através de entrevistas com professoras de Educação Física que lecionam em uma Escola Municipal de Curitiba, totalizando 3 professoras: Elizangela, Rose e Luiza. Outros dados coletados foram referentes ao Projeto Político Pedagógico de 2017 da escola. As análises revelaram que as adaptações no espaço escolar são restritas e esta é uma área que ainda necessita de investimentos; o alto número de alunos em sala de aula é considerado fator que dificulta um atendimento específico aos alunos com necessidades especiais; a falta de tutores para alunos de inclusão e a questão destes profissionais não apresentarem uma especialização adequada é considerado um empecilho para auxílio ao aluno; a lentidão no atendimento aos estudantes por parte do Centro Municipal de Atendimento Especializado deixam inúmeros alunos na fila de espera por respostas. Elizangela e Rose demonstram ser a favor da inclusão de alunos com necessidades especiais em escolas regulares, Luiza considera que estes alunos teriam uma educação melhor em uma Escola Especial. As principais estratégias adotadas pelas professoras foram: único planejamento para todos, adaptações, cuidado com a segurança do aluno, acreditar nas capacidades do estudante, ter um olhar diferenciado e atenção especial ao aluno com necessidades educacionais especiais e procurar desenvolver o trabalho em equipe. O estudo mostra possibilidades de novas pesquisas na área e a presença da família como fundamental para o bom progresso do estudante em sua trajetória escolar.

Palavras-Chaves – Educação Física Escolar, Professoras, Inclusão.

1. INTRODUÇÃO

A inclusão é uma temática que está presente no currículo de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, principalmente por meio da disciplina Introdução à Educação Física Adaptada. Esta disciplina foi incluída no plano curricular do departamento em 2004, portanto, desde então o conhecimento sobre a inclusão é ensinado para gerações de estudantes. Porém, pelo título da disciplina “Introdução”, pode-se ter uma noção do conteúdo básico que é abordado, um saber que fez parte da formação de tantos professores. No entanto as vivências na disciplina chamam a atenção e despertam interesse sobre a inclusão: as quadras oportunizavam a prática de bocha adaptada e basquete em cadeira de rodas, estes são esportes que, de certa forma, enriquecem o ambiente de formação de futuros professores, por demonstrar as possibilidades que o esporte adaptado e inclusivo pode proporcionar às pessoas.

No dia 03 de abril de 2018, comecei a ter contato com alunos com necessidades especiais através de um estágio proporcionado pela disciplina Projetos Integrados C, em que pude realizar observações das aulas de Educação Física em uma Escola Especializada. Pude presenciar diferentes atividades e jogos que foram desenvolvidos durante as aulas e um dos conteúdos trabalhados foi o atletismo adaptado, em que os alunos treinavam para os Jogos Escolares. Percebi que as vivências tinham um grande significado para os alunos, assim, me encantei por estes estudantes e logo surgiu um sentimento único em que meu desejo era compreender as diferenças nas escolas e refletir sobre o atual contexto destes alunos.

Sobre o ambiente escolar, entende-se que cada vez mais os professores precisam incluir alunos com alguma necessidade especial em suas aulas. Em minhas observações em uma Escola Municipal de Curitiba, no âmbito da Prática de Ensino A, constatei que as aulas eram desenvolvidas sem muitas adaptações e alunos considerados de inclusão conseguiam participar das aulas. A seguir trago um trecho do meu Diário de Campo, que evidencia a afirmação acima:

16h35min início da última aula, as turmas foram 2ºB e Pré – A professora recolheu uma tarefa em que o objetivo era escrever uma brincadeira de infância dos pais ou avós. Outro método utilizado é o 1 2 3 congela – para as crianças pararem de falar. Participamos da brincadeira de aquecimento, a mãe cola, eu era o que pegava. As professoras sucederam dando aulas juntas. 17h05min – Toque em duplas com a bola de borracha. 17h18min - Final da aula. Os alunos que pegam condução saem antes. A Professora comentou ter alunos que apresentam laudo, pois sofrem de TOD – Transtorno Opositor Desafiador e tinham dificuldades. Porém percebi que estes estudantes eram tratados normalmente pela professora e realizavam as atividades sem grandes dificuldades, alguns cuidados eram realizados, com relação a quedas e aos conflitos de relação. (Diário de Campo, 2018, p. 8).

Portanto, entendo que não podemos limitar os estudantes a partir do pré-conceito de suas capacidades. A aprendizagem é construída através da prática pedagógica, no ato de fazer e refletir estes alunos terão a oportunidade de adquirir novas percepções e conhecimentos. A inclusão não é pauta apenas na Educação Física, mas da sociedade, cabe a nós reconhecermos e respeitarmos o próximo, independentemente de suas características físicas, limitações ou peculiaridades, pois todos os seres humanos são diferentes. Cada um possui uma cultura específica, uma educação distinta, costumes únicos que devem ser prezados, principalmente na escola, onde podem ocorrer processos de exclusão, cabe ao professor conscientizar seus alunos sobre a educação e a compreensão que devemos ter com o colega.

No que se refere à tarefa pedagógica da Educação Física, destaco um trecho interessante sobre como as práticas corporais podem ser desenvolvidas na escola, escrito por Vago (2009).

A intervenção pedagógica do professor de Educação Física comporta assim um desafio: organizar o ensino para que seus estudantes realizem o direito de conhecer, de provar, de criar, de recriar e de reinventar, de fazer de muitas maneiras, de brincar com essas práticas, garantindo-lhes a expansão de suas experiências com esse rico patrimônio cultural. Em outras palavras: a Educação Física tem potência para ser um tempo de fruir, de usufruir, de viver e de produzir essa cultura, um lugar de enriquecer a experiência humana, posto que essas práticas são possibilidades afetivas, lúdicas e estéticas de apreender e entender o mundo – e de agir nele. (VAGO, 2009, p. 35)

Portanto, cabe ao professor problematizar os valores que estão postulados em suas práticas, disponibilizando a cultura produzida pela humanidade para o conhecimento de todos os alunos, através destas práticas é possível aperfeiçoar a compreensão do novo e do diferente.

As execuções das teorias estudadas durante o andamento do curso de Educação Física podem ser observadas nas escolas, onde o professor irá presenciar alunos que precisarão ser incluídos, seja com necessidades educacionais especiais ou outras características, entendendo que o objetivo da escola também é promover o respeito entre os alunos e exercer a educação humana. Sendo assim, entendemos que incluir alunos nas aulas de Educação Física não é simplesmente adaptar essa disciplina escolar para que uma pessoa com NEE (Necessidades Educacionais Especiais) possa participar, mas de acordo com Chicon (2008) adotar uma perspectiva educacional cujos objetivos, conteúdos e métodos valorizem a diversidade humana e esteja comprometida com a construção de uma sociedade inclusiva. Diante destes aspectos, neste trabalho busco refletir como os professores de Educação Física de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba compreendem o processo de inclusão no ambiente escolar e como trabalham com a inclusão de alunos com portadores de necessidades especiais (PNE) em suas aulas, o enfoque da pesquisa vislumbra compreender como o trabalho é desenvolvido com estas crianças e qual a visão dos professores sobre o atual contexto da inclusão nas escolas. Quanto ao conceito de Necessidades Educativas Especiais (NEE):

...a expressão “necessidades educativas especiais” refere-se a todas as crianças e jovens cujas carências se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares. Muitas crianças apresentam dificuldades escolares e, conseqüentemente, têm necessidades educativas especiais, em determinado momento da sua escolaridade. (DECRETO DE SALAMANCA UNESCO, 1994)

Chicon (2008) comenta que em 1994, o pensamento eugênico prevalecia entre os professores de educação física, excluindo alunos com necessidades especiais das aulas, devido ao fato de que o corpo era visto com um olhar biológico, seus defeitos eram acentuados. A exclusão destinava os estudantes com dificuldades a um espaço específico, onde os alunos eram

classificados e analisados através de exames e testes, a partir de então o esporte aparece como solução, pois poderia proporcionar reabilitação. O ambiente educativo era associado a um cunho médico, os alunos eram estudados, a deficiência era considerada como determinante para a exclusão dos estudantes, estas pessoas eram vistas como incapazes. A seguir Chicon (2008) traz informações importantes para a compreensão da história da inclusão:

A escola, particularmente a primária, passou a ser o espaço da homogeneização a partir de resultados obtidos com as fichas médicas, pedagógicas, com os testes psicológicos e de escolaridade. Os resultados desse volumoso número de fichas e testes classificavam as crianças em débeis, inteligentes, retardadas, distribuindo-as em lugares e espaços sociais determinados, na escola e na sociedade. No Brasil, somente a partir do Parecer nº 215, de 11 de março de 1987 (BRASIL, 2001b), do Conselho Federal de Educação, a disciplina Educação Física Adaptada foi elencada, dentre outras, como sugestão para compor os novos currículos dos Cursos de Graduação em Educação Física, que deveriam começar a funcionar no início da década de 1990. Ela prevê a atuação do professor de Educação Física com as pessoas que apresentam NEE. Em nosso entendimento, essa é uma das razões pelas quais muitos professores de Educação Física, hoje atuantes nas escolas, não receberam em sua formação conteúdos e/ou assuntos pertinentes à Educação Física adaptada ou à inclusão. Cabe ressaltar, ainda, que até o final da década de 1980, as pessoas com deficiência, obesas e de baixo desempenho motor eram impedidas de ingressar nos cursos de graduação em Educação Física, por causa do teste de aptidão física que era realizado como parte do processo vestibular. Somente a partir da extinção do teste de aptidão física, no início da década de 1990, essas pessoas passaram a ter a possibilidade de realizar o vestibular para o curso de graduação em Educação Física em condições semelhantes aos demais participantes. (CHICON, 2008, p. 29).

Pode-se observar uma Educação Física tecnicista focada em um corpo perfeito que executa movimentos corretos. Nota-se um avanço com relação ao passado, a classificação de alunos, não é mais utilizada, o estudo do biológico da disciplina fomenta estudos fisiológicos e anatômicos, por fim o olhar médico foi trocado pelo pedagógico.

Com as reflexões produzidas neste trabalho, espero contribuir para o melhor entendimento sobre a inclusão escolar. Ao trazer perspectivas positivas para o desenvolvimento deste tema, espera-se que preconceitos sejam revistos

e o contexto escolar possa ser pensado. Através de estudos e pesquisas busquei uma bibliografia sólida e construtiva para desenvolver este trabalho de conclusão de curso, que poderá ser utilizado como consulta por professores para enriquecer sua formação e a sua concepção quanto á inclusão de seus alunos. Entender os estudantes e suas especificidades, procurando ter um olhar único e cuidadoso para cada um, pode criar uma nova dimensão na questão da relação professor/aluno, onde a compreensão eleva a aprendizagem.

1.2 QUESTÕES DE PESQUISA

Os objetivos deste trabalho se debruçam sobre algumas questões que nos intrigam sobre inclusão: como o processo de inclusão tem sido desenvolvido em uma Escola Municipal de Curitiba? Quais reflexões podem ser feitas quanto a esta situação nas práticas pedagógicas de educação física? Como o professor de Educação Física compreende e desenvolve o trabalho de inclusão com seus alunos?

1.3 OBJETIVO GERAL

Analisar aspectos do processo de inclusão de crianças com necessidades especiais sob a ótica dos professores de Educação Física em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer como acontece o processo de inclusão de alunos com necessidades especiais na escola;
- Entender como os professores compreendem este processo;
- Refletir sobre as dificuldades, facilidades e estratégias do trabalho pedagógico dos professores de Educação Física com relação aos casos de inclusão.

1.5 CONTEXTO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal Pública, localizada no bairro Portão, durante a realização da disciplina de Prática de Ensino A e B. A professora que nos recebeu na escola é docente do período da tarde, porém a pesquisa foi estendida para outras duas professoras que trabalham no período da manhã. O estudo foi fundamentado por entrevistas cedidas pelas professoras referente ao seu trabalho na escola, junto com trechos do Projeto Político Pedagógico vigente na escola, elaborado no ano de 2017.

2. REVISÃO TEMÁTICA

2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA ONTEM E HOJE

Inicialmente trago alguns fatos históricos de acordo com Bracht (1999), que caracterizaram a Educação Física ao longo do tempo. Durante os séculos XVIII e XIX esta área do conhecimento teve uma origem médica e militar, onde o corpo era visto através de um olhar biológico, sendo considerado parecido há uma máquina. Os médicos acreditavam que a prática de exercícios ajudava na conscientização do quanto a higienização era importante para o corpo e para o desenvolvimento da aptidão física, assim, surge a Ginástica, como um conteúdo propulsor deste primeiro movimento. Segundo Chicon (2008), neste período pessoas com necessidades educacionais especiais:

...eram concebidas como doentes que precisam ser curadas, habilitadas e preparadas, para só então participar da vida em sociedade, devendo, nesse meio tempo, receber atendimento em instituições segregadoras, como as Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs), instituições educacionais para surdos-mudos e cegos, dentre outras... (CHICON, 2008, p. 17).

Já os militares, acreditavam que a educação física podia ajudar no disciplinamento e vir a tornar a população mais patriota, aumentando a força e melhorando os aspectos técnicos do movimento dos cidadãos durante o trabalho, desta maneira o país teria uma população mais saudável, com

possibilidade de produzir mais riquezas, levando o Brasil a alcançar o nível econômico das potências mundiais. Segundo Bracht (1999):

Assim, o nascimento da EF se deu, por um lado, para cumprir a função de colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, ou melhor, com uma educação estética (da sensibilidade) que permitisse uma adequada adaptação ao processo produtivo ou a uma perspectiva política nacionalista, e, por outro, foi também legitimado pelo conhecimento médico-científico do corpo que referendava as possibilidades, a necessidade e as vantagens de tal intervenção sobre o corpo. (BRACHT, 1999, p. 73)

Ainda no século XX, a Educação Física ganha um cunho esportivista, o foco era o rendimento e a estética, com isso a área da musculação é prevalescida. O objetivo das pessoas era conquistar um corpo bonito e musculoso. Bracht (1999) explica que junto à isso, estavam os esportes, cujo incentivo era cada vez maior para as novas gerações obterem títulos e troféus para o Brasil, a conquista da vitória era o principal objetivo, não importando os meios e sim os resultados. Estas características históricas estão presentes até hoje na Educação Física, pois muitos professores se formaram naquela época e sofreram grande influência destes ideais.

Surge então uma crítica ao movimento esportivista em 1980, conhecido como Movimento Renovador da Educação Física brasileira. Este movimento é estudado e trabalhado no meio acadêmico até os dias atuais como uma das mais fortes correntes na área da Educação Física. Os pensadores desta época desenvolveram teorias e reflexões, que questionavam sobre qual seria a verdadeira identidade da Educação Física, sua ligação ao esporte no que se resume ao “simples fazer por fazer, sem utilizar o raciocínio” (BRACHT, 1999). Foi neste momento que surgiu o entendimento de que a Educação Física trabalhava com aquilo que foi denominado cultura corporal.

Numa dimensão mais ampla, a cultura corporal se refere a todas as práticas corporais que a humanidade já produziu, numa dimensão menos ampla é a prática corporal que o ser humano aprende desde seu nascimento até a sua idade atual. São atribuídos diferentes significados a este conceito, que no decorrer do tempo são influenciados por diversos fatores da sociedade,

como: a tradição familiar, o clima, a forma de se movimentar, se expressar, praticar atividades físicas, interagir e demonstrar seus sentimentos. Enfim, engloba todo um conhecimento sobre o movimento, o corpo, a forma de viver e a cultura.

O espaço da educação física nas escolas hoje é reduzido na maioria dos casos, nota-se isso no seguinte recorte das anotações no diário de campo "... Ao analisar o Projeto Político Pedagógico de (2017), percebi que os professores de Educação Física, assim como os de artes são uma minoria, tendo um número de aulas reduzido, se comparado com outros professores." (Prática de Ensino A, Diário de Campo, p. 4. 2018). Este fato ocorre por considerarem o desenvolvimento intelectual superior ao desenvolvimento corporal. A disciplina de Educação Física ainda é vista como inferior às outras, sem possuir um conhecimento e um conteúdo relevante. Porém, nota-se a existência de vários eixos com conteúdos específicos que podem desenvolver tanto a parte reflexiva, quanto a corporal dos estudantes. Sendo assim, independente da disciplina, o docente irá trabalhar com vidas, seres de inúmeras diversidades e culturas, que estão prontos para absorver e transformar conhecimentos. Na área inclusiva, a aprendizagem de movimentos e habilidades corporais é de suma importância, estes alunos precisam de um estímulo e uma atenção detalhada por parte do professor, porém a reflexão e a crítica não podem ser esquecidas. A quadra é designada nas escolas para ser o espaço do professor de Educação Física, isso mostra que essa disciplina está diretamente ligada à prática, ao movimento e ao corpo, todavia, é uma área que não deve ser reduzida ao praticar por praticar, os professores devem utilizar a teoria em seu planejamento. Um importante fator para o sucesso das aulas é aliar teoria e prática, teorizando o conteúdo antes do mesmo ser realizado, ao final de cada aula realizar uma reflexão sobre o que foi construído, junto com os estudantes, para se analisar a relevância do que foi trabalhado. O papel do professor de Educação Física é algo complexo para se analisar, porém de forma simples, seria trabalhar os conteúdos estruturantes relacionados ao Currículo aliado a cultura dos alunos, conservando a história corporal local e enriquecendo o repertório de movimento e conhecimento destes estudantes.

Em pleno 2018, já se passaram 38 anos desde que o conceito de cultura corporal foi desenvolvido, no entanto há uma necessidade de produção científica e acadêmica de qualidade que traga novos conhecimentos baseados na atualidade. Para Kunz (1994) a essência da Educação Física se define por Cultura de Movimento, que se resume a:

...todas as atividades do movimento humano, tanto no esporte como em atividades extra-esporte (ou no sentido amplo do esporte) e que pertencem ao mundo do 'se – movimentar' humano, o que o homem por este meio produz ou cria, de acordo com sua conduta, seu comportamento, e mesmo as resistências que se oferecem a essas condutas e ações. (KUNZ, 1994, p. 62)

O direito do acesso à educação é inviolável, sendo obrigatório por lei para todas as crianças, portanto indiferente da característica e da necessidade, devemos colaborar para o desenvolvimento pleno de cada estudante presente na escola. A inclusão é um conceito relativamente novo no ambiente educativo, visto que inicialmente foi citado no Decreto de Salamanca *Sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais* em 1994. De acordo com UNESCO (1994) as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, por meio de uma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro das necessidades dos estudantes. A importância da inclusão nas escolas regulares é notável visto que as escolas especiais restringem os alunos a um mundo específico e protegido. Já nas escolas regulares o estudante está tendo contato direto com o mundo e com crianças de todas as características, não, apenas com crianças portadoras de necessidades educacionais especiais, formando uma educação ampla e rica. Falkenbach et al (2007) descrevem a forma de educar de Escolas Especiais como, movida por um comportamento padronizador de níveis de desenvolvimento. Segundo os autores a escola de educação especial apresentou um modelo que buscou isolar cada vez mais as crianças das experiências coletivas e das relações diferentes. O sistema fechado de educação para diferentes necessidades especiais em grupos isolados serviu como uma instituição atraente e amplamente divulgada. Falkenbach et al (2007), refletem sobre a ideia de solidão para os alunos que frequentam as

organizações educacionais especiais, através da seguinte crítica: estas construíram um mundo isolado para os deficientes com trabalhos e estudos próprios, mas que serviram apenas para isolar e cada vez mais confirmar a ideia de que não se deve conviver junto.

Devemos nos preocupar em trabalhar com seres humanos imprevisíveis e tão diferentes quanto semelhantes, inseridos num mundo complexo, portanto trata-se de considerar o acolhimento de todos, com respeito e com atenção adequada, desde estudantes com deficiência, com problemas na relação idade-escolaridade, indígenas, afrodescendentes, entre tantas outras particularidades. Assim o professor deve se esforçar para garantir o acesso universal à educação, respeitando as diferentes diversidades, necessidades individuais, psicológicas e sociais. Os alunos com deficiência precisam de apoio pedagógico adicional, de materiais específicos, da aplicação de programas educativos e terapêuticos suplementares, da ajuda de professores especializados, de atendimentos paralelos em escolas especializadas ou apoio de pessoal externo. O professor deve procurar acabar com preconceitos, estigmas e estereótipos que levem a discriminação daqueles padrões estabelecidos pela sociedade. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2017, p. 38).

Ressalto que a inclusão não é um papel exclusivo do professor, mas toda a comunidade deve estar envolvida, assim como o Governo do Estado, a Secretaria do Estado junto com a Prefeitura e demais profissionais que atuam no ambiente educativo.

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: BREVE APONTAMENTOS HISTÓRICOS

Em relação à cultura inclusiva, há uma necessidade do licenciado em Educação Física se debruçar sobre este tema relacionado à escola. Atualmente temos dois cenários, o acadêmico que busca gerar e formalizar o conhecimento e a escola onde os professores buscam colocar este conhecimento em prática. As dificuldades aparecem quando o futuro docente procura trabalhar estes saberes: como construir a crítica e a reflexão dos estudantes sobre as práticas realizadas no chão da escola?

A Educação Física começa a se preocupar com a atividade física e o esporte para pessoas com NEE, aproximadamente, no final dos anos de 1950.

Costa e Souza (2004) indicam que a prática inicial dessas atividades foi de caráter médico, os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando exercícios corretivos e de prevenção, ou seja, eram relacionados com a reabilitação. Sob o ponto de vista da Educação Física Adaptada, podemos destacar algumas conquistas como o evento global: Paraolimpíadas, nomeação as práticas esportivas que foi utilizada inicialmente em 1964.

A educação física, no nosso entendimento é uma das áreas do conhecimento que mais se desenvolveu nos últimos anos, em relação à especificidade de atendimento ao portador de deficiência. Podemos dizer que se foi percebendo a diferença e valorizando principalmente a potencialidade dos deficientes que estes avanços puderam ser materializados e, como exemplo, citamos a concretização dos Jogos Paraolímpicos (COSTA e SOUZA, 2004, p. 31).

Porém, não se pode esquecer que o esporte desenvolvido neste evento é de alto rendimento e envolve um nível de desempenho obtido através de um treinamento árduo, fugindo da realidade das escolas, onde os estudantes praticam esportes de forma lúdica, através da experimentação e da iniciação esportiva. Vasconcellos et al (2016) mencionam que atletas Paraolímpicos, não são vistos como um desportista comum, para estes são destinados lugares e posições sociais diferenciadas ou de menor valor. Apesar das divergências presentes no passado, como o olhar médico sobre os estudantes e o enfoque no esporte de rendimento, podemos observar um olhar e uma preocupação para com a inclusão na sociedade, tendo em perspectiva as cotas elaboradas para pessoas com necessidades especiais em concursos e vestibulares, vagas específicas para estas pessoas em empresas, a inclusão presente em forma de conscientização e teoria nas Diretrizes Nacionais e nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas.

2.3 INTEGRAÇÃO/INCLUSÃO

Sanches e Teodoro (2006) trazem a definição de Necessidades Educativas Especiais (NEE) através do movimento Education Act (1981) o conceito foi oficialmente definido, na Inglaterra: “uma criança tem necessidades educativas especiais se tem dificuldades de aprendizagem que obrigam a uma intervenção educativa especial, concebida especificamente para ela”. Os autores citam em seus estudos que o conceito surgiu no interior da Educação especial, junto ao movimento de integração escolar, em substituição ao Ensino especial:

A integração escolar retirou as crianças e os jovens em situação de deficiência das instituições de ensino especial, em defesa da sua normalização, o que lhes permitiu o usufruto de um novo espaço e novos parceiros de convívio, de socialização e de aprendizagem (a escola regular). As práticas pedagógicas foram também transportadas das instituições de ensino especial para a escola regular, numa vertente mais educativa, configuradas num programa educativo individual, de acordo com as características do aluno, desenhado e desenvolvido, essencialmente, pelo professor de educação especial. (SANCHES; TEODORO, 2006, p. 66)

Os autores trazem, no trecho acima, que a essência da Integração Escolar foi a Educação especial, visto que com a migração dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) para a Escola Regular, os princípios da Educação Especial foram levados para a inserção destes alunos, recursos didáticos foram adaptados para atender á todos de uma forma mais ampla. Com o conceito de NEE, se pretendia que fossem “... analisadas as dificuldades escolares das crianças não em função da sua etiologia, sobre critérios médicos, mas critérios educativos, próximos das dificuldades escolares apresentadas” (SANCHES; TEODORO, 2006, p. 67). De acordo com Rodrigues (1998) outro fator importante foi à troca do olhar médico pelo olhar pedagógico nas escolas, a visão do estudante por sua deficiência intelectual se torna ultrapassada, a nova metodologia visa melhorar a educação do ambiente escolar para favorecer a todos os alunos, inclusive os que possuem qualquer tipo de dificuldade.

Costa e Souza (2004) trazem um sinônimo interessante para com a palavra inclusão, que o autor define como “integração”, seja ela social ou afetiva. Saint-Laurent (1997) define Integração, como um princípio que objetivava acabar com a segregação, favorecendo a interação entre alunos portadores de deficiência e alunos considerados normais.

Apesar de Costa e Souza (2004), considerarem integração/inclusão palavras com significados próximos, alguns autores como Rodrigues (1998), Sanches e Teodoro (2006) trazem a integração como definição anterior a inclusão na história. Rodrigues (1998) define a escola integrativa, por uma instituição voltada aos problemas corporais e psicológicos dos alunos, em contrapartida sugere que a escola inclusiva é voltada para todos, de acordo com o autor:

A escola integrativa procura responder à diferença desde que ela seja legitimada por um parecer médico-psicológico, ou seja, desde que essa diferença seja uma deficiência. A escola inclusiva procura responder, de forma apropriada e com alta qualidade, não só à deficiência, mas a todas as formas de diferença dos alunos (culturais, étnicas, etc.). Desta forma, a educação inclusiva recusa a segregação e pretende que a escola não seja só universal no acesso, mas também no sucesso. (RODRIGUES, 1988, p. 75)

Costa e Souza (2004), Aguiar e Duarte (2005), entram em concordância, ao considerar a inclusão como paradigma no meio escolar. “Paradigma”, no sentido de um padrão ou modelo a se seguir que esta diretamente ligada à Inclusão Social por estes estudiosos, que trazem algumas teorias construtivas para a área da educação. Segundo eles, a Inclusão esta presente como um dos pilares da pedagogia atual, através da assiduidade em novas leis, currículos e parâmetros, permanecendo insubstituível na racionalidade das atitudes éticas e morais perante o ser humano. O Paradigma da Educação Inclusiva pode se tornar um dos principais meios de reflexão na área da Educação Física Escolar relacionada à especificidade dos estudantes, visto que não se refere apenas aos alunos com alguma necessidade isolada, mas à todos os excluídos do seu grupo de origem, como um ser atuante e capaz.

Para entender inicialmente o conceito de inclusão, Palla e Mauerberg-deCastro (2004) trazem uma percepção interessante sobre este fator social:

A inclusão social se baseia nos princípios da aceitação das diferenças individuais, da valorização de cada pessoa, da convivência dentro da diversidade humana e da aprendizagem através da cooperação (PALLA; MAUERBERG-DECASTRO, 2004, p. 26).

Na escola inclusiva a heterogeneidade dos alunos é um desafio ao professor que precisa recriar e adaptar suas práticas educativas para atender os alunos com necessidades especiais juntamente com os demais, como dizem Sanches e Teodoro (2006). Sobre a aprendizagem dos alunos, os autores alertam que:

Educação inclusiva não significa educação com representações e baixas expectativas em relação aos alunos, mas sim a compreensão do papel importante das situações estimulantes, com graus de dificuldade e de complexidade que confrontem os professores e os alunos com aprendizagens significativas, autênticos desafios à criatividade e à ruptura das ideias feitas, como foi o caso dos grandes pioneiros da educação que acreditaram no grande papel que a educação representava no acesso à cidadania dos mais desfavorecidos, sendo, então (como agora), chamados de loucos. (SANCHES; TEODORO, 2006, p. 73).

Em sintonia com isto, Aguiar e Duarte (2005) expõe um estudo sobre a prática dos professores de Educação Física. Os autores descrevem o tema de Inclusão como um Paradigma da Educação Inclusiva. No trecho destacado abaixo os estudiosos fazem o uso de alguns valores para descrever as principais práticas e atitudes deste movimento.

Os dizeres desses dois professores apontam que a participação de alunos com necessidades especiais em aulas de Educação Física, pode propiciar aos demais alunos o desenvolvimento de atitudes constantes do Paradigma da Educação Inclusiva. Essas atitudes dizem respeito à manifestação de solidariedade, companheirismo, responsabilidade, cooperação e respeito ao outro, sem discriminação de características pessoais, físicas, sexuais ou sociais. (AGUIAR; DUARTE, 2005, p. 236).

Portanto, o princípio de equipe, grupo e companheirismo é fundamental para incluir o próximo. É interessante ressaltar que são atitudes simples, em que o fato de aceitar a pessoa como ela é e ter empatia com a mesma, podem

melhorar a convivência de uma turma ou uma instituição. É válido ressaltar que cada pessoa possui uma ideia única e relativa, no caso, de professores e pedagogos seu ponto de vista pode influenciar milhares de estudantes durante sua carreira, portanto, deve-se ter muito cuidado com o que é dito para a construção de um pensamento crítico e positivo dos nossos alunos. Palla e Mauerberg-deCastro (2004) trazem o entendimento de que, enquanto ensina, o professor também transmite valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento para se viver em sociedade. Rodrigues (2003) compreende que não basta à presença física do aluno com necessidades especiais, ele precisa sentir-se pertencente à escola e ao grupo, de tal maneira que se sinta fazendo parte da escola e a escola sinta responsabilidade pelo seu aluno. Através do vínculo entre aluno e escola, o relacionamento entre educando e educador tende a se tornar melhor, com aulas onde o clima é propício para o desenvolvimento do conhecimento, a relação estudante/estudante pode acontecer de forma harmoniosa.

Vasconcellos et al (2016) também destaca que o processo de inclusão não pode se referir apenas ao uso do termo ou simplesmente na ocupação do espaço por todos. O autor se manifesta dizendo que, é necessário destacar que a inclusão pode parecer algo automático, mas é no processo para além do espaço que as dificuldades tornam-se visíveis. Aguiar e Duarte (2005) trazem a valorização do professor como importante fator para o desenvolvimento da educação, pois não se faz tudo meramente com a boa vontade do povo, há necessidade de ações efetivas do governo, como destinação de verbas e valorização do professor. Infelizmente, o atual contexto dos professores no país é lastimável, tendo em conta os cortes do plano de carreira, o não reajuste, o salário congelado por anos... A falta de incentivo para a valorização e capacitação do professor como profissional acaba por evidenciar o descaso perante a preocupação do governo com a boa educação como principal base formadora de um país desenvolvido, constituída por cidadãos críticos e reflexivos. Assim como ocorre com os alunos que sofrem exclusão, por gênero, bullying, dentre outros fatores, é necessário uma educação de qualidade para todos e não apenas para os oprimidos. Envolvendo estas questões Sanches e Teodoro (2006), reafirmam esta característica da Educação Inclusiva, por isso

muitos pensam que a inclusão escolar é para os jovens em situação de deficiência, mas não, ela deve contemplar todas as crianças e jovens com necessidades educativas. “A inclusão escolar é um processo que constitui ensino ativo, dialógico e interativo, no qual o estudante é percebido a partir de suas relações e interações em diferentes grupos sociais” (Diretrizes Curriculares da Educação Municipal de Curitiba – Volume 4, p. 9, 2017).

2.4 EXCLUSÃO/INCLUSÃO

Costa e Bittar (2004) conceituam atividade física inclusiva como toda e qualquer atividade que, ao levar em consideração as potencialidades e as limitações físico-motoras, sensoriais e mentais dos seus praticantes, propiciam aos mesmos efetiva participação nas diversas atividades físicas (como nas esportivas, recreativas, danças e ginásticas) e, conseqüentemente, possibilitam o desenvolvimento de suas competências. A concepção destes autores é baseada na visão das partes positivas que a atividade física inclusiva pode proporcionar, a partir por exemplo: de práticas esportivas. Para além das atividades físicas, as práticas corporais são umas das principais ferramentas do professor de Educação Física e devem ser trabalhadas com os alunos, visto que podem enriquecer o repertório cultural a partir do que foi produzido pela humanidade até o nosso contexto atual.

Vasconcellos et al (2016) dizem que ao entendermos a inclusão como um imperativo, passamos a refletir sobre a relação do normal com o anormal. “Entendendo esse último como o outro, o excluído, o estranho, aquele a quem devemos respeitar e exaltar sua diferença, mas de maneira alguma ser parecido” (VASCONCELLOS ET AL, p. 839, 2016). O autor traz o fundamento de anormal para se referir aos excluídos, esta definição é utilizada por Foucault em seus estudos 1988, 2006, 2007, que constata a busca pelo normal na sociedade, ao ponto de exaltarem a diferença, mas jamais desejar ser parecido com o diferente. Esta forte crítica ao sistema em que vivemos realizada por Vasconcellos et al e Foucault, nos mostra que:

...a escola é passível da exclusão no ambiente de socialização e de aprendizagem, tendo em consideração o comportamento humano imprevisível. Porém, o que observamos através do relato dos alunos e das observações das aulas é que apenas o acesso à educação e à escola regular não é suficiente para que possam ocorrer práticas inclusivas. (VASCONCELLOS et al, 2016, p. 841)

É importante salientar que o ambiente educativo não é um local onde, apenas reinará boas práticas, a participação efetiva e construtiva de todos. Portanto, aspectos negativos podem vir a permear as escolas e é interessante refletir sobre a ideia básica de que, apesar dos estudantes ocuparem o mesmo espaço, estes não irão formar amizades com todas as pessoas, grupos aparecem por afinidade, logo uma minoria se vê como impar, neste processo de socialização. Rodrigues (1998) relata que muitas vezes a Educação Física (EF) desenvolve-se em uma escola portadora de uma cultura propícia a exclusão de todos os que não se enquadrem nos padrões esperados. O autor traz alguns pontos questionáveis no âmbito da Inclusão Escolar, citando a cultura dos estudantes como uma forte influência no comportamento de rejeição aos que não estão enquadrados em um padrão comum na sociedade. Os professores também podem ser neutros, negativos ou positivos a este movimento, devido a sua conduta, crença, capacitação e formação, porém, a inclusão está presente no Projeto Político Pedagógico e na realidade escolar, tornando-se necessário concretizar esta forma de conscientização nos planos de ensino e nos planos de aula. Vasconcellos et al (2016) comentam que o fato de haver um monitor presente nas escolas para auxiliar o aluno com necessidade especial, acaba por aumentar o processo de exclusão:

As atitudes em torno dos sujeitos anormais na tentativa de adequá-los respondem a um objetivo social de tentar melhor governá-los e conduzi-los para dentro de uma norma estabelecida. O monitor não entra por acaso na escola, ele é mais um para vigiar e tentar enquadrar esse sujeito para que os comportamentos desviem o mínimo possível. Contudo, embora haja um esforço para mostrar que esses sujeitos estão incluídos, apagando as marcas de suas anormalidades, essa operação evidencia a exclusão presente na instituição escolar e reafirma que se trata de um processo de in/exclusão. . (VASCONCELLOS et al, 2016, p. 845)

Essa nova perspectiva, a inclusão, veio de certa forma questionar as práticas sociais existentes, dentre elas as realizadas pela Educação Física, principalmente no contexto escolar. Costa e Souza (2004) descrevem que o paradigma inclusivo, não se refere apenas aos deficientes, mas a todos os excluídos sociais, onde o professor tem o desafio de trabalhar no mesmo espaço e tempo com as crianças que possuem as mais diferentes formas de habilidades, capacidades, comportamentos e história de vida.

Costa e Souza (2004) e Vasconcellos et al (2016) trazem opiniões reflexivas sobre a inclusão/exclusão, visto que Costa e Souza (2004) definem a inclusão como um conceito problematizador da realidade e que a prática do professor incluir o aluno em sua aula abrange desde alunos com super capacidades até os com alguma dificuldade.

Já Vasconcellos et al (2016), trazem os dois lados da moeda, onde devemos analisar os benefícios e malefícios da idealização de um fator social, visto que nada é perfeito. O questionamento é necessário, pois a inclusão surgiu da necessidade de pensar sobre uma minoria que sempre foi evitada e dada como inexistente.

Vale ressaltar que não queremos afirmar a existência de somente práticas excludentes na escola, mas queremos dar visibilidade às práticas de exclusão sofridas por alunos considerados incluídos, pois muitas vezes elas não são mostradas. Na linha de divulgar a inclusão como uma verdade benéfica a todos, por vezes as práticas excludentes que ela produz ficam invisíveis (VASCONCELLOS et al, 2016, p. 842).

Portanto mostrar os pontos de vista em que se podem analisar os aspectos positivos e negativos de um fator social recente, através de estudos que se aprofundem no tema e tragam reflexões notórias para a construção da sociedade na qual vivemos se torna essencial a este estudo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA E TÉCNICA DE COLETAS DE DADOS

Minayo et al (2002) entende como metodologia o caminho do pensamento e a prática na abordagem da realidade. Goldenberg (2004) afirma que a característica essencial do Método Científico é a investigação organizada, o controle rigoroso de suas observações e a utilização de conhecimentos teóricos. Em relação ao conceito de metodologia a escritora explica:

Método significa organização. Logia quer dizer estudo sistemático, pesquisa, investigação. Metodologia significa, etimologicamente, o estudo dos caminhos a serem seguidos, dos instrumentos usados para se fazer ciência. A Metodologia faz um questionamento crítico da construção do objeto científico, problematizando a relação sujeito-objeto construído. Diante de uma objetividade impossível, a Metodologia busca uma subjetividade controlada por si mesma (autocrítica) e pelos outros (crítica). (GOLDENBERG, 2004, p. 105)

Em relação à metodologia qualitativa, Goldenberg (2004) a descreve como um estudo aprofundado, que não se preocupa essencialmente com os números do grupo pesquisado, mas com a compreensão, a organização e a trajetória. A autora ainda completa que o estudo qualitativo é voltado para as particularidades de um fenômeno, e seu respectivo significado para o grupo pesquisado.

Como o objeto desta pesquisa é a Inclusão na Educação Física Escolar Municipal, o problema de investigação se baseia em como os professores pensam e trabalham com seus alunos através desta temática, a metodologia que se adéqua a este estudo é a qualitativa.

Gil (2002) observa que a análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação.

Partindo do princípio de que o ato de compreender está ligado ao universo existencial humano, as abordagens qualitativas não se preocupam em fixar leis para se produzir generalizações. Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social (GOLDENBERG, 2004, p. 49).

Para o entendimento destes fenômenos e processos, Minayo et al (2002) completa que é fundamental a utilização da teoria com um caráter abstrato, a autora entende como teoria o conhecimento em que o pesquisador se baseia, por proposições, dados, análises e conceitos.

A pesquisa foi desenvolvida através de entrevistas com professores de Educação Física de uma Escola Municipal de Curitiba. A importância do tema proposto surgiu da motivação por esta causa social e pela busca para enriquecer o conhecimento existente em Educação Física. Silveira (2007) comenta o quão imprevisível pode ser uma entrevista:

... o entrevistador se torna cúmplice ou, decididamente, uma espécie de inquisidor, mas o enquadramento do que “vai acontecer” é imprescindível. E é nesse terreno movediço entre o esperado e o inesperado, entre a repetição e a inovação, que resvalam as entrevistas (SILVEIRA, 2007, p. 124).

Sobre os problemas da entrevista, Goldenberg (2004) destaca:

Um dos principais problemas das entrevistas e questionários é detectar o grau de veracidade dos depoimentos. Trabalhando com estes instrumentos de pesquisa é bom lembrar que lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros. A personalidade e as atitudes do pesquisador também interferem no tipo de respostas que ele consegue de seus entrevistados. (GOLDENBERG, 2004, p. 85).

Por outro lado, Goldenberg (2004) descreve alguns aspectos como vantagens da entrevista, dentre eles: a possibilidade de coletar informações de pessoas que não sabem escrever, a maior paciência e motivação para falar do que escrever, é mais adequado para revelar informações complexas que

envolvem emoções, permite maior profundidade e estabelece uma relação de confiança e amizade entre pesquisador e pesquisado, o que propicia o surgimento de mais dados.

Minayo et al (2002) revela que a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo, através das respostas o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais, portanto não significa uma conversa neutra, uma vez que é uma coleta de fatos relatados, enquanto sujeito-objeto da pesquisa que vivencia certa realidade. Sendo assim, não é uma simples conversa, mas uma forma científica de obter informações. “Através desse procedimento, podemos obter dados objetivos e subjetivos (Minayo et al. p. 57, 2002)”. De acordo com os autores citados acima o dado objetivo se baseia em censo e estatística, já o subjetivo é relacionado ao valor e opinião do entrevistado.

De acordo com Gil (2002) não se pode afirmar a prioridade de quais etapas devem ser seguidas em um estudo, porque cada pesquisa tem sua especificidade e isso dita seus próprios procedimentos. Através dos relatos dos professores, os resultados serão analisados e por fim serão realizadas reflexões sobre os dados coletados.

Os critérios para a escolha das entrevistadas foram: ser professoras de Educação Física em uma respectiva Escola Municipal de Curitiba. Partindo deste pressuposto o grupo de amostra da pesquisa foi composto por três professoras, estas aceitaram participar do estudo e das entrevistas, o horário de trabalho destas profissionais variou entre manhã e tarde conforme o funcionamento da escola. Outro importante fator é que “A preservação da identidade dos respondentes constitui problema de alta relevância ética.” (GIL, p. 133, 2002). Diante deste aspecto o respeito à privacidade e a preservação da identidade das professoras que participaram da coleta de dados se torna inviolável, desse modo o nome real destas profissionais foram substituído por nomes fictícios.

As entrevistas foram marcadas pessoalmente, através do contato com as professoras pelo estágio de Prática de Ensino B, que é realizado toda segunda-feira no período da tarde na escola. Para o contato com a Professora

Luiza teve que ir ao período da manhã, pois a mesma atua apenas neste horário. As primeiras palavras foram de apresentação, mencionei ser estudante de Educação Física, disse que estava no 8º período, e informei o motivo pelo qual as contatava, expliquei sobre o meu tema de Trabalho de Conclusão de Curso, qual seria o meu objeto de estudo, e que iria precisar do relato delas sobre sua formação, suas ideias e práticas, para fundamentar este estudo, assim, todas concordaram em participar.

As entrevistas foram realizadas sucessivamente com, Elizangela na data de 17/09/2018, Rose em 24/09/2018 e Luiza na data de 27/09/2018. Os relatos foram coletados na sala de informática da escola, lugar que foi considerado reservado e com um maior silêncio que facilitaria o gravador coletar a fala das professoras. O registro das entrevistas foi realizado através de um celular no qual foi baixado um aplicativo que tem a função de gravador. Após ser gravada, toda a fala foi transcrita para o computador. A partir das entrevistas irei abordar algumas características e informações sobre as professoras, com relação à idade, trajetória profissional, atuação em escolas e experiências iniciais com a inclusão.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

3.3 ELIZANGELA (Entrevista realizada na data de 17/09/2018)

A professora tem 45 anos e conta que sua primeira formação foi o magistério enquanto terminava o ensino médio. Após terminar o curso, começou a dar aulas em um colégio particular então seu foco começou ser atuar em escolas. A partir deste momento, Elizangela iniciou o curso de Educação Física na Universidade Federal do Paraná, ela conta que realizou estágio em academias e clubes, dava aulas de ginástica e se formou em 1995 em licenciatura plena (bacharelado e licenciatura). Depois de formada, a professora disse que trabalhou em escolas particulares durante muitos anos, também trabalhava como professora substituta, através do contrato temporário fornecido pelo estado que possibilita atuação em escolas públicas. Com o tempo apareceram novas oportunidades em forma de concursos públicos para

o estado e o município. Ela conta que passou em 2 concursos e se tornou funcionária pública do estado e do município. No estado já está trabalhando há 20 anos, inicialmente entrou como professora e atualmente é vice-diretora da escola. Na prefeitura, trabalha há 13 anos, no total são 23 anos atuando como professora e 10 anos trabalhando na escola do município em que foi realizada a pesquisa. Por fim, Elizangela realizou uma especialização na área da Educação Física Escolar.

Em relação a sua formação a professora disse que tanto na sua formação inicial, quanto na pós-graduação teve conteúdos relacionados à inclusão, pois fazia parte do currículo. Porém, seu primeiro contato com esta temática foi logo no magistério, ela descreve que já havia disciplinas ligadas à inclusão escolar. Na sua trajetória como estudante pela Universidade Federal do Paraná a professora cita que a inclusão ia muito além das aulas que teve em Educação Física adaptada, pois já trabalhava na área e tinha noção de como a temática aparecia na realidade.

O contato inicial da professora com crianças com necessidades especiais foi já nos primeiros anos de profissão quando lecionava aulas de educação física em uma escola particular. Ela explica que tinha alunos com deficiência auditiva e síndrome de down, dentre outras síndromes, e estes alunos com necessidades educativas especiais estavam presentes em quase todas as turmas. Elizangela descreve que a escola particular em que trabalhou utilizava o sócio interacionismo e a metodologia era inclusiva.

3.4 ROSE (Entrevista realizada na data de 24/09/2018)

A professora tem 54 anos, se formou em 1985 pela Universidade Federal do Paraná e atualmente é pós-graduada em Educação Física Escolar. Ela atua como professora há 34 anos, e na escola de pesquisa trabalha há 4 anos. Rose esta atuando apenas nesta escola, pois já é aposentada por um padrão e o outro padrão dela é no período da manhã, padrão é um termo utilizado pelos professores para se referir à escola em que trabalha por concurso, ou seja, o professor é concursado, a tarde ela faz Regime Integral de Trabalho (RIT), a

seguir trago alguns conceitos de acordo com o Decreto de 1991 quanto ao que se refere ao RIT:

...Artigo 6º O regime de tempo integral e dedicação exclusiva obriga o funcionário ao mínimo de 40 (quarenta) horas de trabalho semanais sem prejuízo de ficar à disposição do órgão em que estiver sendo exercido, sempre que as necessidades do serviço o exigirem.

§ 1º O regime de tempo integral e dedicação exclusiva e o referido no artigo 5º exigem o desdobramento da jornada de trabalho em dois turnos.

§ 2º Em se tratando de atividade de magistério, o período de trabalho previsto na legislação específica, será acrescido, de, no mínimo, 6 (seis) horas semanais... (DECRETO Nº 60.091, DE 18 DE JANEIRO DE 1991).

Ela conta que sua experiência inicial com alunos com necessidades especiais foi quando entrou na Rede Municipal de Ensino e trabalhou em uma Escola Municipal. Esta era uma escola especializada, então ela começou a dar aulas para alunos em classes especiais, ao longo dos anos ela sempre ficou responsável pelas turmas que tinham alunos PNE. Porém ela conta que apenas recentemente a questão da inclusão está mais forte e os alunos estão aprendendo todos juntos. Rose conta que na faculdade não teve quase nada de conteúdo relacionado à inclusão, este tema foi abordado muito pouco em sua formação acadêmica, foi realmente na sua experiência profissional que ela teve os primeiros contatos com crianças portadoras de necessidades educacionais especiais. Ela ainda citou outro fator que ajudou a completar sua formação que foram os cursos ofertados pelo município para a formação continuada do professor. Aguiar e Duarte (2005) descrevem que culturalmente a formação pedagógica do professor de Educação Física vem sendo colocada em um plano secundário, prevalecendo conteúdos de disciplinas de cunho técnico, esportivo, corporal e biológico, em detrimento às disciplinas pedagógicas, esta formação privilegia o desenvolvimento de capacidades, habilidades físicas, desempenho físico, técnico e trata o corpo como um objeto de consumo.

3.5 LUIZA (Entrevista realizada na data de 27/09/2018)

A professora tem 51 anos e se formou em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná no ano de 1988. Após se formar iniciou uma pós-graduação em Educação Física Escolar que terminou no ano de 2000. Atualmente Luiza faz uma pós-graduação na área da saúde em acupuntura medicinal tradicional chinesa, a previsão de término é em 2019. Ela trabalha como professora há 25 anos e há 6 anos na escola da pesquisa, também ministra aulas em uma escola municipal localizada no Pinheirinho. A sua primeira experiência com crianças portadoras de necessidades especiais no meio educativo foi através de um estágio ainda durante a sua formação, o local da experiência foi uma escola especializada em atendimento à crianças PNE, que fica localizada próxima a Universidade Federal do Paraná. Porém, a professora disse não lembrar qual disciplina era ligada a inclusão durante a sua formação acadêmica, mas afirmou que esta lhe ajudou em um primeiro contato com esta nova realidade. Após a aproximação inicial com estas crianças, ela percebeu que é necessário realizar adaptações no planejamento das aulas, utilizando um olhar diferenciado para com os alunos portadores de necessidades especiais. Outro fator importante que Luiza comentou foi os cursos de formação continuada que abordam a inclusão e são muito importantes, pois formam uma base para se trabalhar na escola e desenvolver boas práticas. A professora mencionou que estes cursos ajudam muito os profissionais no meio educativo e colaboram para uma atualização para com as novas metodologias e novos conteúdos.

Esta parte da entrevista relatada traz aspectos importantes da história de vida das professoras. Segundo Minayo et al (2002), conhecer a história de vida é uma estratégia de compreensão da realidade do entrevistado. Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas. Portanto, esse relato fornece um material rico para análises do vivido, nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.

3.6 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DE CURITIBA ONDE FOI REALIZADO O ESTUDO DE ACORDO COM O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE 2017

O Projeto Político Pedagógico é um documento que aborda aspectos como: breve histórico da escola, fatos históricos importantes, os espaços, acessibilidade para alunos com necessidades especiais, equipe de profissionais, alguns conceitos importantes que estão ligados à educação e a inclusão, informações sobre a comunidade, por fim dados e conceitos que fundamentam e teorizam boas práticas. Trago algumas informações consideradas fundamentais em relação à inclusão social dos alunos na Escola e informações quanto a Educação Física escolar para crianças com necessidades educacionais especiais, de acordo com o Projeto Político Pedagógico de (2017) vigente na Escola Municipal.

Caracterização da escola:

A Escola situa-se no bairro Guaíra, apenas em março de 2011 foi inaugurada a quadra poliesportiva coberta, reforçando a integração dos estudantes. Os pais buscam a escola pela qualidade de ensino, e os profissionais do ambiente educativo procuram aumentar a participação das famílias para acompanhar o resultado de seus filhos e melhorar a qualidade de ensino formando um fortalecimento de relações.

Espaço Físico:

Há 2 banheiros para estudantes, estes não possuem a escrita: “masculino” e “feminino” como título, para evitar estereótipos referente a sexualidade. Cada banheiro possui 4 box, onde 2 são adaptados para educação infantil e um adaptado para crianças com necessidades especiais. A área livre para o desenvolvimento das atividades físicas e recreativas é privilegiada e muito utilizada pelos estudantes. Conta com uma quadra poliesportiva coberta que além das aulas de Educação Física é utilizada para reunir os alunos na hora da saída, torneios de Xadrez e comemorações como a Festa Junina. Existem também dois pátios internos onde as crianças realizam leitura, passam o intervalo, contam histórias, a escola também conta com parquinho infantil, além de outros espaços externos naturais com árvores.

Acessibilidade para os alunos com Necessidades Especiais:

Os espaços da escola estão adequados para o atendimento de estudantes com deficiência, disponibilizando: rampas de acesso, corrimão, banheiro adaptado. A escola busca parceria com o Núcleo Regional da Educação e Coordenação de Obras da Secretaria Municipal de Educação, para possíveis adequações.

Corpo docente:

O corpo docente da escola é composto por 31 professores, 1 pedagogo, 1 diretora, 1 vice-diretora, 1 inspetor, 1 secretaria, 3 funcionárias terceirizadas responsáveis pela limpeza e 3 funcionários terceirizados responsáveis pelos lanches. Os professores estão distribuídos da seguinte forma: 8 professores regentes de manhã e 8 a tarde, 2 professores de educação física de manhã e 2 a tarde e assim sucessivamente: 2 de artes, 1 de ensino religioso, 5 corregentes, 1 de laudo (professor tutor). A escola também conta com 1 funcionário para apoio administrativo e um auxiliar de serviços escolares.

Modalidades de ensino ofertadas:

Educação Infantil com oferta do Pré-Escolar para crianças na faixa etária de 4 a 5 anos: 8 turmas no período da manhã e 8 á tarde.

Ensino Fundamental - Ciclo I organizado em três anos - 1º, 2º, 3º ano e Ciclo II organizado em dois anos – 4º e 5º ano.

Educação Especial

Segundo o Projeto Político Pedagógico (2017) o professor deve procurar acabar com preconceitos, estigmas e estereótipos que levem a discriminação daqueles padrões estabelecidos pela sociedade. É importante acolher os estudantes independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais e linguísticas.

Conforme a Resolução CNE/CEB nº 02/2001, no seu art. 5.o, consideram-se estudantes com necessidades educacionais especiais os que,

durantes o processo educacional, apresentarem: Dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:

- Aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica: (dificuldades específicas, como a dislexia e disfunções correlatas). Problemas de atenção e de memória, problemas perceptivos, emocionais, cognitivos, psicolinguísticos, psicomotoras, motores, comportamentais e ainda ecológicos, socioeconômicos, socioculturais, nutricionais e socioambientais.
- Aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências; (estudantes cegos e surdos, com condutas típicas, síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos, e estudantes que apresentem caso grave de deficiência mental ou múltipla).

Dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais estudantes, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis ou altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes.

No município de Curitiba, para ingresso em todo e qualquer programa de Educação Especial faz-se necessário que o estudante seja submetido a uma Avaliação Diagnóstica Psicoeducacional específica. Antes do encaminhamento para a avaliação, o professor e a equipe pedagógica administrativa da escola devem buscar alternativas de atendimento e intervenções referentes à aprendizagem do estudante. Esgotadas todas as possibilidades, faz-se o encaminhamento para a Avaliação Psicoeducacional ao Centro Municipal de Atendimento Especializado.

Progressão Simples e Apoio Pedagógico

A progressão do estudante pode ser Simples, para o estudante que será promovido para outro ciclo normalmente. Apoio Pedagógico: para o estudante que possui dificuldade significativa de aprendizagem e progride mediante um plano de apoio pedagógico específico. Ao final de cada ciclo o aluno que apresentar dificuldades significativas de aprendizagem poderá permanecer no mesmo ciclo por no máximo um ano, com plano de apoio pedagógico específico.

4. RESULTADOS E ANÁLISES

Esta pesquisa surgiu com o intuito de responder certas indagações com relação à inclusão escolar, dentre estas conhecer como acontece este processo, entender como os professores compreendem o procedimento de inclusão social na escola e refletir sobre alguns fatores que ocorrem na inclusão educacional destes alunos. O estudo se restringiu a uma Escola Municipal de Curitiba e aos professores de Educação Física que nela atuam, os dados foram coletados por meio de entrevistas estruturadas com perguntas voltadas a formação, as experiências e considerações referentes à inclusão, junto com a leitura voltada para os aspectos inclusivos do Projeto Político Pedagógico de 2017. Os dados obtidos tem uma natureza qualitativa, visto que é um estudo específico de uma escola, portanto, a pesquisa tende a se desenvolver de forma profunda e em torno do que estes profissionais relataram. Minayo et al (2002) descreve a importância do pesquisador ir para além dos dados acumulados e reformular os caminhos da pesquisa, através das descobertas de novas pistas

Um dado que se demonstrou comum durante a formação profissional de todas as professoras entrevistadas é que elas se formaram pela Universidade Federal do Paraná e realizaram Pós-Graduação em Educação Física Escolar. Os anos em que se formaram são respectivamente 1985, 1988 e 1995, no caso, ocorre uma variação máxima de 10 anos entre as 3 profissionais, outro dado em comum é que todas obtiveram o título de licenciatura plena visto que

na época em que se formaram o curso de Educação Física possuía um currículo único, diferente de hoje, que é constituído por licenciatura e bacharelado separados. O tempo de atuação das professoras em sua carreira profissional variam de 23, 25 e 34 anos, já na escola da pesquisa o tempo de atuação das professoras é de 4, 6 e 10 anos. Palla e Mauerberg-deCastro (2004) indicam a implantação da disciplina de Educação Física Adaptada no currículo de Educação Física, a partir de 1987 através do Conselho Federal de Educação.

4.1 INCLUSÃO NA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA

Em relação ao contexto Inclusivo Municipal Curitibano, Elizangela afirma de acordo com sua experiência dentro das escolas municipais, a existência de um bom apoio ao professor quando há em suas classes alunos com NEE, ela conta que a principal instituição responsável por auxiliar o professor nestes casos é o Centro Municipal de Atendimento Especializado (CMAE) que oferta:

...avaliação diagnóstica psicoeducacional, atendimento terapêutico-educacional nas áreas de Pedagogia Especializada, Reeducação Auditiva, Reeducação Visual, Psicologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Serviço Social a educandos com necessidades educacionais especiais, matriculados prioritariamente em escolas e creches Municipais ou residentes em sua área de abrangência, com vistas ao desenvolvimento de suas potencialidades e o resgate de melhores condições de desempenho pessoal, escolar e social. (PRFEITURA DE CURITIBA – UNIDADE EDUCACIONAL).

Porém, a professora faz uma crítica, pois em algumas escolas as estruturas físicas deixam a desejar, com relação ao começo de sua carreira houve uma melhora no investimento de recursos na educação por parte do governo, pois logo quando ela iniciou no mercado de trabalho não havia a quem recorrer quando o aluno tinha alguma necessidade especial educativa. Eram exceções às escolas que tinham rampa de acesso, portanto o trabalho do professor era mais difícil, “tendo que pegar no colo” (Entrevista Elizangela, 17/09/2018). Quanto a este trecho ela descreve que era necessário realizar esta ação para transportar o aluno até o local onde iria acontecer a aula, pela

impossibilidade do estudante acessar este espaço sozinho, devido à dificuldade de locomoção.

Luiza descreve que a situação municipal é complicada, devido ao número de estudantes em cada turma estar alto, este fator acaba por dificultar um atendimento individual e especializado por parte do professor. Outra circunstância negativa é o diagnóstico tardio, em que o aluno pode ser considerado “normal” (Entrevista Luiza, 27/09/2018) durante grande parte de sua formação escolar, ou passar despercebido e sequer ser diagnosticado. “Nós como professores também temos dificuldade para dar atenção para todos os alunos, imagina estes que precisam de uma atenção especial” (Entrevista Luiza, 27/09/2018).

De acordo com Palla e Mauerbergde-Castro (2004) o contato através do trabalho com alunos de Necessidades Educacionais Especiais possibilita uma maior percepção e uma melhor competência em ensinar, em seu estudo é revelado que mesmo professores atuantes na área de inclusão, não se consideram preparados para ensinar estes alunos, necessitando de um curso de reciclagem. As autoras destacam para a carência de conteúdos relacionados à inclusão na formação inicial e na formação continuada de professores. Uma alternativa é a presença do tutor como um facilitador na atenção individualizada ao aluno, este profissional pode prestar apoio educativo ao estudante e ajudar a organizar formas diferenciadas para o ensino/aprendizagem de alunos com necessidades especiais (SANCHES; TEODORO, 2006).

Rose cita que as escolas tem muita caminhada pela frente no contexto da inclusão, pois muitas não têm a estrutura adequada para atender alunos com necessidades especiais, ela ressalta que há uma boa vontade por parte da direção e dos professores, os quais contam com apoio da Secretaria Municipal. Ela conta que os atendimentos e encaminhamentos são demorados, pois são necessários vários exames, para a criança ser destinada ao Centro Municipal de Atendimento Especializado e por fim ser obtido o primeiro laudo. Rose também diz que para todos estes procedimentos ocorrerem à família do estudante precisa estar envolvida no processo de educação e caminhar junto com a escola, mas infelizmente são poucas as famílias que fazem isso. Nas

palavras dela “Os atendimentos infelizmente tendem a ser demorados, pois existem filas imensas para que sejam feitos os laudos e as crianças consigam um atendimentos especializado.” (Entrevista Rose, 24/09/2018).

Rose e Luiza destacam os aspectos que ainda precisam ser melhorados como: o diagnóstico e o encaminhamento lento dentro da escola, são procedimentos demorados que acabam por prejudicar os alunos, estes acabam por se tornar problemas constantes no Centro Municipal de Atendimento Especializado. Outro dado que entra em concordância entre Elizangela e Rose, é referente à estrutura e a acessibilidade escolar, onde em algumas escolas os espaços são precários e alunos com necessidades especiais não conseguem ter acesso. Os relatos destas professoras entram em consonância, quanto à importância do apoio ao professor, do trabalho em equipe dos profissionais que atuam na escola, o interesse e a aproximação da família do aluno, para acompanhar como esta ocorrendo o processo de educação de seu filho. Em relação ao processo de formação e transformação a que os alunos estão sujeitos na escola, o respeito e a valorização das diferenças tornam-se exigências no planejamento de ensino do professor quanto a isso as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013) trazem uma perspectiva interessante:

O tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo-emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional (DIRETRIZES NACIONAIS DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 17).

4.2 AVANÇOS PARA A INCLUSÃO DOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Elizangela conta que em 1995 a situação era complicada, o professor tinha que se virar, pois quando seu aluno era portador de necessidades especiais não existia apoio, com o passar dos anos foi aumentando o número de recursos didáticos disponíveis ao educador para lidar com estes alunos. Um

dos principais avanços notados por Elizangela é a possibilidade do tutor acompanhar o aluno com necessidades educacionais especiais, porém ela faz uma ressalta para a gravidade da necessidade, pois alguns alunos podem ter uma necessidade leve e outros uma situação grave, nesta situação os estudantes com um comprometimento maior tem preferência no auxílio do tutor, em contrapartida alunos com uma necessidade leve podem não precisar do auxílio de uma pessoa especializada junto ao professor durante as aulas.

Luiza questiona a dificuldade que o professor tem para acompanhar o desenvolvimento de cada criança, devido ao grande número de alunos nas salas de aula da escola municipal, ela acredita que o aluno portador de necessidade educacional especial precisa de um acompanhamento específico, devido ao professor dividir sua atenção para vários alunos e ainda ter estudantes de inclusão nas classes. Luiza demonstra ser contra a inclusão nas escolas comuns, talvez esta opinião se deva a sua formação antiga, a falta de informações, atualizações e cursos de capacitação. Rose e Elizangela são a favor da inclusão nas escolas regulares, apesar de Rose ter se formado em um ano próximo ao que Luiza se formou, porém as duas professoras apresentam opiniões divergentes. Em relação ao número de alunos em cada turma Elizangela comenta um fato interessante "... para cada aluno com necessidade especial diminuem 5 alunos regulares na classe" (Entrevista Elizangela, 17/09/2018).

De acordo com Rose, conforme aumentou a preocupação dos profissionais que atuam no ambiente educacional quanto à inclusão dos alunos, ocorreram mudanças no contexto municipal. Principalmente na Educação Física, onde o professor consegue visualizar o aluno se relacionando e seus aspectos corporais, diante de tais perspectivas o professor tem facilidade para observar se o aluno tem algum comprometimento corporal ou mental.

... tal que em alguma dificuldade especifica o nosso parecer endossava a dificuldade que esta criança tinha em sala, principalmente na questão de relacionamento, de comportamento, de postura frente às situações, desafios ou algum problema motor onde ficamos mais alerta (Entrevista Rose, 24/09/2018).

Porém a professora relata a existência de poucas vagas para o acompanhamento especializado aos alunos com necessidades educacionais especiais. Segundo ela, são poucos os alunos que tem o privilégio de ter um tutor dentre uma grande maioria, infelizmente uma parte dos alunos de inclusão não tem um atendimento de qualidade e específico. Portanto o professor acaba por fazer um trabalho adaptado, esta ação fica a par do professor, da sua boa vontade de ajudar, fazer e melhorar, porém isso é uma obrigação destes profissionais nas escolas, este deve procurar ensinar a todos e levar um conhecimento de qualidade para seus alunos.

Rose revela que as capacitações oferecidas pelo município, deveriam fornecer atualizações e instruções para facilitar e melhorar o trabalho dos professores com estes alunos, entretanto são rasas e superficiais. Luiza considera importante o curso de capacitação, por formar uma base para o trabalho do professor. Elizangela considera a formação continuada inclusiva interessante pelo fato de demonstrar como podem ser realizadas adaptações nas aulas, de acordo com as necessidades de cada aluno. Rodrigues (1998) destaca a carência de conteúdos relacionados à inclusão educacional na formação do professor como prejudicial à contribuição pedagógica para alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), o autor se refere à falta de profissionais de apoio e a ausência de uma formação especializada para estes tutores como um fator negativo para a Inclusão Escolar. Mandarino (2004) destaca que a especialização em educação especial realizada por um professor de Educação Física, não garante o processo de inclusão escolar de seus alunos, pois além do conhecimento o professor precisa fazer acontecer, buscar recursos e métodos para a concretização de suas ideias.

De acordo com Elizangela há uma boa adaptação na Escola Municipal em que a pesquisa foi realizada, pois o ambiente conta com uma rampa que fornece acesso a quadra para cadeirante, este local fica em um espaço mais elevado, todavia estas adaptações foram sendo conquistadas com o tempo pela escola, pois antigamente a quadra não tinha cobertura e junto com a reforma deste espaço foi construído a rampa.

...o que eu fazia quando dava aula para o Júlio e para o Fábio, era a turma inteira vir pela rampa, tinha professor que fazia a turma ir pelas escadas e o aluno ir sozinho pela rampa até a quadra e eu não achava legal está atitude, acho que todo mundo devia ir junto, são adaptações que vão sendo feitas. Em outra escola que eu trabalhava na entrada não tinha rampa, só tinha rampa para ir para a quadra uma rampa super mau feita, improvisada, porque o diretor anterior, tinha necessidades especiais, então ele sempre tentava fazer as adaptações na escola, mas foi feito meio que de forma amadora, sem engenheiros, mas acho que estamos em um espaço privilegiado, não é toda escola que é assim, estamos avançados. (Entrevista Elizangela, 17/09/2018).

Através da fala da professora é possível notar que o espaço pode ser um fator de exclusão de alunos PNE, devido a incapacidade de acesso a certo espaço, pois a escola em que ela trabalha está avançada em relação às outra com relação a está questão. Vasconcellos et al (2016) ressaltam às práticas de exclusão para alunos considerados incluídos, como um fato que muitas vezes não é mostrado, devido a inclusão ser considerada uma verdade benéfica a todos, as práticas excludentes produzidas são invisíveis. De acordo com Costa 2004:

Antes das tendências integracionistas, a educação caminhou de forma separada da educação especial. A visão que se estabelecia sobre deficiência, que era vinculada à doença, transmitia a idéia de incapacidade de o deficiente aprender com os demais alunos. (Costa, 2004, p. 37).

Luiza considera os espaços da escola adequados, porém existem escadas e desníveis, já Rose vê como fundamental os banheiros adaptados para o uso de crianças com necessidades especiais. Apesar de cada pergunta da entrevista ser a mesma, cada resposta é única, os relatos são realizados conforme a experiência, o conhecimento e a crença das professoras. Percebe-se uma grande variação nas respostas e alguns aspectos que entram em acordo. Elizangela e Rose consideram que há um progresso na situação de Inclusão nas escolas, pois antes o professor não tinha apoio algum, um dos principais avanços considerado por Elizangela é a possibilidade de um tutor auxiliar o aluno, Rose considera que houve uma maior preocupação com o aspecto da inclusão, pelos professores, onde a educação física tem um olhar privilegiado, em que se podem observar os aspectos corporais do estudante.

Luiza considera a Inclusão Escolar como um fator negativo nas escolas, pois o aluno precisa de um acompanhamento específico e apenas em Escolas Especializadas o aluno teria o devido atendimento. Rose considera a grande quantidade de alunos, como um fator que dificulta o trabalho do professor, pois vê a existência de muitos alunos de inclusão e poucos tutores. Luiza considera que a grande quantidade de alunos em cada classe divide a atenção do professor, impossibilitando uma maior atenção aos casos de inclusão na escola regular. Aguiar e Duarte (2005) reconhecem a Educação Especial como modalidade de ensino que permeia todos os níveis escolares, deixando claro que não há, tipos separados de educação, sendo assim, não existem subsistemas, portanto as unidades escolares devem ter recursos organizados e disponibilizados para que todos possam desenvolver suas competências com respeito e dignidade, entre eles os que necessitam de apoio diferenciado.

4.3 SITUAÇÃO E ENCAMINHAMENTO PARA AS CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Rodrigues (1998) vê a Educação Física como adjuvante no processo de inclusão, devido à flexibilidade nos conteúdos da disciplina, o fato do professor de Educação Física ser considerado uma figura positiva e a possibilidade de ampla participação nas atividades práticas mesmo por estudantes que possuam alguma dificuldade.

Luiza procura entender as necessidades de cada aluno, pois cada estudante é único, outro aspecto que a professora considera importante é o aluno se sentir acolhido pelos seus colegas de classe. Apesar de Luiza realizar adaptações em suas aulas, ela considera o fim das Escolas Especiais como um fator extremamente prejudicial aos alunos portador de NEE, a professora comenta que estas escolas tem vários profissionais para atender estes alunos, fora os materiais adaptados e especializados, as escolas especiais oferecem um atendimento de acordo com as especificidades de cada aluno. Com a migração destes alunos para as escolas municipais, o número de estudantes aumenta, ela considera existir uma grande dificuldade para alunos com necessidades especiais acompanharem os estudantes regulares, em relação a atividades teóricas e práticas. Palla e Mauerberg-deCastro (2004) mencionam

que o ensino em ambientes segregados, como a Escola Especial, procura aproximar os alunos de acordo com suas características nas turmas, assim o professor tem uma maior previsibilidade de quem é o aluno. Já quando se trabalha em um ambiente inclusivo as diferenças nas características e no desempenho dos alunos são acentuadas, tornando o trabalho do professor mais complexo.

Rose menciona a preocupação dos professores para que as crianças sejam incluídas em todas as atividades, ela descreve que existe um cuidado maior com estas crianças portadoras de necessidades especiais e há uma apreensão em desenvolver um atendimento especializado pelos professores de Educação Física para estas crianças com comportamento diferenciado, através do apoio do setor pedagógico e da direção. Em relação aos encaminhamentos Rose descreve que há uma comunicação entre os professores de Educação Física e os professores Regentes, para notar alguma anormalidade ou dificuldade no comportamento do aluno, tanto em atividades praticas, quanto teóricas. O segundo passo é o contato com os pais, para saber se seu filho já fez algum tipo de exame, o professor pode encaminhar laudos e trabalhos realizados pelos alunos, junto com depoimentos dos profissionais que atuam no ambiente educativo para facilitar à análise do aluno, por fim o caso é encaminhado para o CMAE, desta forma eles realizam uma avaliação,o processo final é caracterizado pela emissão do laudo, com tudo o que a criança precisa e o que pode ser realizado para melhorar o desempenho do aluno nas atividades, a partir destes resultados o professor pode realizar adaptações em suas aulas, de acordo com a dificuldade do aluno.

Luiza vê a Escola Especial como uma instituição ideal para alunos com necessidades especiais, devido à especialização que esta escola desenvolve e tem para atender estes alunos, desde profissionais, metodologia, espaço e currículo. A professora acredita que a Escola Regular deveria atender apenas alunos normais, sem possuir alguma deficiência ou Necessidade Educativa Especial. Rodrigues (1998) considera que os valores da Escola Regular estão inseridos nas Escolas Especiais, de acordo com o autor a Escola Regular tem o objetivo de homogeneizar a cultura, os conteúdos e a população escolar, devido à procura pela equidade dos estudantes semelhantes, devido a estes

fatores alunos com necessidades especiais foram excluídos, segregados e classificados em Escolas Especiais.

Rose acredita na possibilidade do professor desenvolver uma educação de qualidade para os alunos com Necessidades Especiais na escola regular, este fato depende do apoio ao professor e a sua qualificação. Costa (2004) se refere à separação entre Educação Física Adaptada e Educação Física Regular como um fator retrógrado, onde os alunos são separados por suas características negativas, o autor cita a inclusão como a união de todos os excluídos socialmente, incluindo os superdotados e ressalta para a importância de se frisar as potencialidades, superando a concepção de corpo imperfeito. Sanches e Teodoro (2006) descrevem que a intervenção com crianças deficientes através da Educação Especial, inicialmente era caracterizada por uma pessoa que cuidava e ensinava o aluno particularmente, esta criança era considerada perigosa e sem possibilidade de fazer parte das escolas comuns.

4.4 QUEM SÃO ESTES ALUNOS?

Elizangela menciona a existência de 3 alunos na situação de deficiência nas turmas em que leciona, estes estudantes não possuem problemas tão graves ao ponto de impossibilitar suas participações nas aulas. Vasconcellos et al (2016) refere-se a importância de dar voz a estes alunos, para saber quais seus sentimentos quanto a escola e aos colegas, como se sucedem suas relações com os alunos de classe e se ocorre alguma exclusão/inclusão no processo de formação deste estudante. A professora explica que um destes estudantes é Juarez¹, ele possui uma sensibilidade nos ossos², ela conta que

¹ Os nomes dos alunos foram substituídos para preservar as suas identidades.

² Osteogênese imperfeita - A principal característica é a fragilidade dos ossos que quebram com facilidade. Alguns sintomas são: branco dos olhos azulados (esclera), rosto em forma de triângulo, dentes escuros e frágeis (dentinogênese imperfeita), perda progressiva da audição, baixa estatura, dificuldade de locomoção, deformidades na coluna e na caixa torácica que podem acarretar complicações pulmonares e cardíacas.

este aluno sofre de vários problemas fora este, às vezes ele se encontra ausente nas aulas, a família do estudante está sempre presente acompanhando o processo educativo do seu filho, devido a estes fatos a professora tem um maior cuidado com ele durante as aulas práticas. Ela descreve que de certa forma os alunos se sensibilizam com a situação de Juarez, pois a maioria tem um sentimento de proteção e carinho com ele. Outro aluno é o Carlos, seu grau de dificuldade é neurológico, ele possui Transtorno Opositor Desafiador (TOD)³, a professora conta que este aluno faz uso de medicamentos para ter uma melhor concentração, ela descreve que não é fácil, devido ao estudante ser mais agitado e não conseguir prestar atenção no professor, tornando o trabalho mais complexo e difícil. O terceiro aluno é Breno, que também sofre de TOD e era agressivo, ela cita que o estudante melhorou muito o comportamento durante o decorrer das aulas devido ao convívio com os colegas e as instruções da professora para com as atitudes do estudante. Elizangela conta que nas turmas do pré, há uma aluna que tem Mutismo Seletivo, é um bloqueio psicológico, porém em casa ela age normal, apenas na escola ela “trava” e quase não fala.

Como na manhã tinha uma aluna que estava sendo atendida pela CMAE e tinha problemas de fala, as crianças tiraram sarro dela e a professora ao invés de repreender às crianças, incentivou a atitude, no caso ela cortou e tudo não fala nada, apenas sussurra, é um problema emocional, não é neurológico, no caso o tratamento é com psicólogo (Entrevista Elizangela, 17/09/2018)

Luiza conta que tem apenas uma aluna portadora de NEE, está se chama Aline, tem baixa visão e utiliza óculos, porém ainda assim precisa utilizar material visual ampliado, este recurso foi criado especificamente para esta aluna. A professora aponta que tem outros casos em investigação na escola, entretanto o processo é lento para se obter um diagnóstico. Está aluna tem direito a um tutor, este profissional é um estagiário do curso de Psicologia, a professora conta que infelizmente não é alguém especializado. Aline é

³ Transtorno Opositor Desafiador (TOD), este transtorno tem como características, a oposição, o desafio, intolerância a frustrações, agressividade, falta de controle emocional, podendo levar a problemas de aprendizagem.

participante, interessada e curiosa, Luiza descreve que a aluna realiza todas as atividades propostas, as dificuldades não a impedem de ser uma criança feliz, resolvida e com autonomia. Sanches e Teodoro (2006) mencionam como fatores essenciais para o desenvolvimento de uma educação inclusiva: uma metodologia adequada, recursos didáticos, atividades estratégicas e o apoio do tutor. Luiza acha que os alunos com necessidades educativas especiais (NEE) precisam estar em uma escola especializada, mas ao mesmo tempo, mostra que tem uma aluna que consegue participar das aulas, com as adaptações feitas pela professora. Este é um aspecto de certa forma contraditório, pois a professora realiza uma ação inclusiva no meio escolar, talvez as queixas da professora fossem as mesmas, mesmo que não existissem alunos portadores de necessidades especiais na escola.

Rose conta que tem um aluno com NEE, este se chama Fabio, o estudante tem paralisia e utiliza muletas, faz natação para ajudar nos movimentos. A professora conta que existem vários alunos com necessidades especiais na escola e os atendimentos para estes estudantes são realizados na sala de recursos, ela descreve que os encaminhamentos são geralmente sugeridos pelos pais e durante as aulas são realizadas atividades adaptadas de acordo com a capacidade dos estudantes.

Resumindo: Elizangela comenta sobre a situação de Juarez, um aluno que possui complicações em sua saúde, mas seus colegas de classe desenvolveram um carinho e um cuidado com ele, Carlos tem um comportamento agitado e tem dificuldade para prestar atenção no professor, Breno era agressivo, a professora considera os problemas de comportamento mais complicados do que os problemas de saúde, pois prejudicam o andamento da aula. Luiza relata que Aline, tem um tutor, porém sem ter uma especialização adequada, apesar das dificuldades a aluna é participante e interessada, realizada todos os trabalhos propostos, tem autonomia e é feliz. Rose descreve que Fabio, tem dificuldade em se locomover, porém o estudante faz natação para melhorar seus movimentos, a professora segue os encaminhamentos sugeridos pelos pais, quando não possui uma instrução específica. Palla e Mauerberg-deCastro (2004) mencionam o fato de professores não desejarem ensinar alunos com necessidades especiais devido

aos possíveis desafios e dificuldades, as autoras citam que o ser humano procura situações que oportunizem o sucesso.

Quadro-1: Professoras, turmas e alunos com necessidades educativas especiais em situação de deficiência.

PROFESSORA	TURMA	ALUNO	NECESSIDADE ESPECIAL
ELIZANGELA	2ºC	Juarez	-Osteogênese imperfeita
	2ºB	Carlos	-Transtorno Opositor Desafiador (TOD)
	4ºC	Breno	-Transtorno Opositor Desafiador (TOD)
ROSE	4ºA	Fabio	-Poliomielite/def. física
LUIZA	2ºA	Aline	-Visão Subnormal

4.5 TRABALHO PEDAGÓGICO

Quanto ao trabalho pedagógico com as crianças com necessidades especiais em situação de deficiência, Elizangela afirma desenvolver um único planejamento, entretanto durante as aulas ela toma alguns cuidados em relação à segurança dos alunos, há uma adaptação quando necessário para não prejudicar a turma, pois a professora afirma ser importante trabalhar com todos juntos, em equipe, mantendo uma atenção para com os alunos com NEE. Ela considera importante não obrigar todos os alunos a realizarem as

atividades como os alunos portadores de necessidades especiais e não obrigar os alunos portadores de NE a realizarem atividades como os demais, cada um têm a sua forma e a sua maneira de fazer, e isso deve ser respeitado. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola (2017) o professor deve organizar ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas compartilhadas.

...não há uma mudança no plano, já fiz brincadeiras deles todos sentados, quando a gente trabalhou dança, para eles dançarem sentados, apenas com as mãos, no caso, eu adaptei uma aula para que os alunos PNE se sentissem fazendo parte do processo educativo... (Entrevista Elizangela, 17/09/2018)

Luiza e Rose afirmam utilizar a mesma metodologia que Elizangela, na questão de desenvolver um único planejamento, porém realizam adaptações quando algum aluno tem dificuldades. Luiza diz sempre estar atenta para as necessidades dos alunos. Rose menciona ter um olhar diferenciado para com estes alunos, assim como procura trabalhar dentro das capacidades dos estudantes, com desafios para aumentar a motivação e a participação nas aulas. Rose considera importante o aluno normal perceber as limitações dos alunos com NEE, para isso a professora realiza atividades adaptadas, em que os estudantes sintam o que o outro sente, desta maneira é possível que os alunos desenvolvam empatia e respeito pelo próximo, de acordo com Rose:

...acho que o mais difícil mesmo são as crianças com Transtorno Opositor Desafiador (TOD), porque devido à questão do comportamento, acabam ocorrendo conflitos. Os autistas, por exemplo, quando estão em crise, é meio complicado, pois alguns são agressivos ou então gritam o tempo todo e acaba por atrapalhar o andamento da aula, o estudante se desestrutura emocionalmente. Eu percebo a situação do professor que leciona em sala de aula como mais difícil ainda, porque na educação física quando o aluno está em crise ele começa a correr, então sai de perto, temos que cuidar com a segurança dele, mas no geral a gente tem buscado compreender um pouquinho mais estas questões. (Entrevista Rose, 24/09/2018)

Rose cita o fato do aluno correr, como um meio de gastar energia e se acalmar, ela afirma ser complicado a situação do professor que leciona em sala de aula, pelo fato do estudante em situação de surto, não poder correr em sala para extrapolar suas emoções, como nas aulas de educação física. É possível observar que todas as professoras utilizam um único planejamento para todos os alunos, porém tem um cuidado, realizam adaptações se necessário e procuram manter um olhar atento aos estudantes. Rose ressalta o problema das complicações nas aulas devido ao comportamento imprevisível de alguns alunos com NEE que sofrem de transtornos. Assim, é importante considerar que “O desconhecido gera medo e ignorância, conseqüentemente, acaba reprimindo as iniciativas de aceitação das diferenças e da diversidade” (PALLA e Mauerberg-deCastro, p. 38, 2004). Vaz (2002) critica esta visão de que a Educação Física serve para os alunos se soltarem, o autor destaca o papel formativo da disciplina como um aspecto pouco visto pelos pedagogos que atuam na escola. O escritor descreve que a Educação Física é interpretada com um caráter de compensação às aulas teóricas, por estas serem matérias sérias que não apresentam ludicidade e que os alunos costumam demonstrar pouco interesse.

Elizangela vê uma boa evolução no contexto da inclusão educativa nas escolas Municipais, de acordo com ela antes o aluno com necessidades especiais era designado para exercer alguma função como, o juiz da partida ou apenas anotar o placar, a professora considera estes fatos como o estudante estar a par do processo social e educativo. Depois desta época todos deviam realizar a atividade adaptada de acordo com o aluno de inclusão, como por exemplo, todos deveriam jogar sentados para ficar igual ao colega. A professora também destaca que hoje estão aparecendo metodologias e novos estudos que estão abrindo possibilidades para a inclusão ocorrer na escola, mas o principal segundo Elizangela são todos participarem dentro de suas possibilidades. “... como no caso do Juarez, correm atrás dele para pegá-lo, passam a bola para ele, mas com cuidado para não machucar, então eles estão aprendendo a se colocar no lugar do outro...” (Entrevista Elizangela, 17/09/2018). Rodrigues (1998) descreve a cultura competitiva como fator que leva a caracterizar alunos com dificuldades sendo menos capazes, visto que

muitas das atividades da Educação Física tem aspectos competitivos, estas acabam por excluir os menos habilidosos. A competição é utilizada nas aulas de EF para motivar a participação dos alunos, para que seja possível a participação efetiva de alunos com dificuldades, a professora realiza adaptações, que tornem as atividades justas. Porém existem casos graves, como descreve Elizangela:

... lembro-me do pular corda, o Júlio, ele passava a corda pela cadeira com os braços, colocava a corda em baixo das pernas para segurar e rodava a cadeira, às vezes na estafeta ele se esforçava e se arrastava no chão, mas claro assinei documentos com a mãe para que pudesse por ele no chão, ele tinha alergia a bexiga, tem algumas coisas que temos que tomar cuidado para não prejudicar a saúde da criança. É prazeroso ver a família reconhecendo, vendo que o filho está inserido que ele está feliz e quer brincar, quer ir pra aula de educação física, que ele se sente como parte da escola, então acho que isso não tem preço, sabe você ver o crescimento e a evolução do aluno. (Entrevista Elizangela, 17/09/2018).

Elizangela destaca a importância do professor acreditar nas capacidades do seu aluno, entender suas dificuldades, e procurar que ele participe das atividades, deve-se evitar ao máximo excluir alguém da atividade.

Quando entrei o Júlio não participava das aulas, ele ficava na sala com a professora, ou ele ficava na biblioteca, na informática, ela não levava ele, então isso pra mim é o fim da picada, mas ainda tem muito professor que faz isso, então você acaba tentando reverter o que alguns professores fazem que é excluir o aluno das aulas. (Entrevista Elizangela, 17/09/2018).

Rodrigues (1998) traz constatações quanto à contribuição dos professores de Educação Física para a inclusão de alunos com dificuldades, os quais podem variar dependendo do sexo do professor (mulheres tem atitudes mais positivas), professores que conhecem a deficiência do aluno ou já tiveram experiência com alunos com NEE tem atitudes mais positivas, apesar do autor ter entrevistado apenas mulheres em sua pesquisa.

Quadro-2: estratégias pedagógicas de cada professora.

Professora	Estratégias
ELIZANGELA	<ul style="list-style-type: none"> -Único planejamento -Cuidado com a segurança do aluno -Adaptação para não prejudicar a turma -Trabalho em equipe -Respeitar a maneira de fazer do colega -Novas metodologias -Participar dentro das suas possibilidades -Cuidados para não prejudicar a saúde do aluno -Participação da família, como fator importante -Acreditar nas capacidades dos alunos -Entender as dificuldades -Participação de todos -Evitar excluir alguém da atividade
ROSE	<ul style="list-style-type: none"> -Único planejamento -Olhar diferenciado -Trabalhar dentro das capacidades dos alunos -Desenvolver desafios para aumentar a motivação -O aluno deve perceber o que o outro sente e passa -Compreender a questão da inclusão
LUIZA	<ul style="list-style-type: none"> -Único planejamento -Estar atenta para algum problema ou necessidade -Procurar que o aluno com NEE tenha um atendimento especializado. -Dar uma atenção especial ao aluno com NEE -Entender as necessidades de cada aluno -Realizar atividades adaptadas -Acolher o estudante

4.6 FACILIDADES E DIFICULDADES

As facilidades consideradas por Elizangela são todos os alunos aprenderem juntos, o desenvolvimento da solidariedade e da empatia com o próximo, já as dificuldades é que o professor procura cada vez mais incluir os alunos no processo educativo, porém as limitações do estudante impossibilitam que ele faça exatamente o que os outros fazem. Elizangela considera que a inclusão nas escolas regulares vem sendo um fator social de sucesso, a professora descreve que:

... tive um aluno que era totalmente comprometido, até pra tomar água tinha que ter cuidado para ele não se engasgar, então eu vejo que a participação dele era muito limitada, mas mesmo assim um dia ele foi o pegador na cadeira de rodas e eu fui conduzindo, ele ria e esticava os bracinhos, o comprometimento mental e físico era muito forte, não conseguia segurar uma colher, mas ele dava risada e se agitava, estava alegre, mas é difícil lidar com uma inclusão tão severa e agressiva. Aqui na escola não tivemos um caso como esse, o Júlio era a situação mais grave, pois ele fez 34 cirurgias, às vezes ficava afastado, mas participava do seu jeito, no seu ritmo, cada um tem suas próprias características, todos nós somos diferentes, um vai correr com mais facilidade outro menos, um vai correr com mais habilidade outro menos, um vai dançar com mais desenvoltura outro menos, eles apenas são diferentes, são únicos. (Entrevista Elizangela, 17/09/2018)

Aguiar e Duarte (2005) mencionam o modelo de corpo-instrumento voltado para a produtividade como uma reflexão na forma da sociedade capitalista tratar pessoas menos capazes. É necessário estar atento aponta Luiza e se necessário interferir, o relacionamento entre os alunos ocorre naturalmente, a maioria deles são esforçados e não tem grandes problemas de comportamento. Assim como Luiza, Rose também aponta como uma das grandes dificuldades para o professor ter um olhar diferenciado para com o estudante de inclusão o grande número de alunos em cada classe, principalmente quando o aluno tem algum surto ou transtorno. Outro fator prejudicial de acordo com Rose, é a demora no atendimento para o aluno que tem algum tipo de necessidade especial, por fim a professora considera que o

distanciamento das famílias com a escola, dificulta o acompanhamento da situação de aprendizagem e existem casos onde ocorre:

... o desconhecimento de outras famílias que não compreendem que a criança está tendo aquele tipo de comportamento, surto ou dificuldade e pensam que seu filho não precisa estar junto com aquele aluno, mas ao longo dos anos isso tem mudado eu acredito que daqui pra frente cada vez mais a situação destes alunos vai melhorar na escola. (Entrevista Rose, 24/09/2018).

De acordo com Rodrigues (1998), na Escola pode ocorrer de se desenvolver uma cultura de exclusão, por aqueles que não conhecem e não aceitam o diferente, com os que não se enquadram nos padrões desejados. Este fator pode ocorrer na Educação Física, disciplina onde o corpo de certa forma é exposto.

Quadro-3: Facilidades e Dificuldades apontadas pelas professoras

Professora	Dificuldades	Facilidades
ELIZANGELA	<ul style="list-style-type: none"> -Limitações graves de saúde impossibilitam a participação direta do aluno na aula. - O aluno não poder fazer o que os outros fazem -Doenças severas e agressivas 	<ul style="list-style-type: none"> -Todos aprendem juntos -Desenvolvimento de solidariedade e empatia - Todos são diferentes, deve-se respeitar o próximo.
ROSE	<ul style="list-style-type: none"> -Número de alunos em sala de aula - Demora no atendimento ao aluno com NEE - Distanciamento das famílias em relação à Escola -Aluno em situação de transtorno - Preconceito por parte das famílias 	<ul style="list-style-type: none"> -Olhar diferenciado -Melhorar a situação destes alunos na Escola
LUIZA	<ul style="list-style-type: none"> -Número de alunos em sala de aula - Atenção individualizada por parte do Professor 	<ul style="list-style-type: none"> -Estar atento, observar e interferir caso seja necessário -Relacionamento natural, por parte dos alunos -Alunos esforçados -Não ter grandes complicações de comportamento em seus alunos

4.7 PROFISSIONAL ESPECIALIZADO PARA AUXÍLIO (TUTOR)

Sanches e Teodoro (2006) destacam que em 1997 em Portugal, com o surgimento da inclusão, profissionais da educação especial vieram a se tornar tutores em escolas regulares, estes profissionais compartilhavam suas experiências e conhecimentos com os professores regentes, porém sem atrapalhar o planejamento das aulas. Vasconcellos et al (2016) analisam a função do tutor como um processo de dupla vigilância que o aluno sofre, devido ao professor e ao monitor estarem adequando a conduta do aluno, observando seu comportamento e o enquadrando nos padrões disciplinares. As autoras descrevem que o fato do aluno com NEE, conseguir ter um caderno completo com o auxílio do tutor, não o fará igual aos outros, ele ainda será considerado como “o outro”. Sanches e Teodoro (2006) descrevem o auxílio do profissional especializado como um meio do aluno estar em acordo com o sistema de ensino, caso este estudante não consiga atingir os objetivos da escola, este é excluído.

Elizangela acredita que a ação do tutor é positiva, principalmente com alguns alunos, os quais possuem alguma dificuldade maior, como por exemplo, lentidão em atividades teóricas, dificuldade para mobilização ou agitação constante. A professora vê este profissional como um facilitador do processo de aprendizagem, este pode suprir algumas dificuldades, através de um suporte, pois em alguns casos, a necessidade é extrema e a função do tutor é importante. Entretanto Elizangela chama a atenção para a formação deste profissional, que deve ser Especializado em Educação Especial e não como ocorre nas escolas, onde o tutor é um estagiário ou um professor comum de alguma disciplina. De acordo com a professora:

... o Carlos se tivesse alguém para sentar com ele, para conversar e ajuda-lo, dar uma atenção a atividade sai, ele precisa de alguém, como alunos autistas, eles chegam no mesmo patamar que os outros, pois eles tem uma dificuldade de organização (Entrevista Elizangela, 17/09/2018).

... no estado eu tenho uma aluna que tem Mielomeningocele, e ela tem uma tutora, é uma doença que envolve a estrutura do caminhar, ela anda com muita dificuldade e dependendo da

deficiência afeta a aprendizagem, nós temos crianças no estado com autismo que tem tutor, isso facilita, às vezes a criança precisa de um apoio mais constante.(Entrevista Elizangela, 17/09/2018).

Luiza considera o caráter e o comprometimento do tutor como aspectos importantes do profissional, a professora frisa que o tutor deve auxiliar o aluno e não o professor. Vasconcellos et al (2016) destacam a importância do ensino-aprendizagem na escola, função para qual o professor é designado a exercer, porém as autoras mencionam a inversão de valores do tutor, devido à excessiva preocupação com a conduta do aluno e a perda com o foco no auxílio para com a aprendizagem dos saberes escolares ao estudante. Luiza também considera um fator fundamental o tutor ter uma formação e uma especialização adequada à função que exerce. Rose vê a participação do tutor nas escolas como ideal, devido à dificuldade em que os professores têm em trabalhar uma atividade adaptada, principalmente quando os estudantes estão na situação de transtornos ou surtos. Os alunos que possuem tutor na escola são Aline e Carlos, uma minoria dentre os estudantes PNE, a formação dos tutores são respectivamente Acadêmico de Psicologia e Acadêmica de Pedagogia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todos os relatos e as reflexões que giram em torno desta temática, retomamos os objetivos para observarmos se foi possível respondê-los.

- Conhecer como acontece o processo de Inclusão de alunos com Necessidades Especiais (NE) na escola;

Percebe-se que existem boas intenções das professoras entrevistadas quanto às práticas inclusivas, as mesmas buscam realizar atitudes positivas para a aprendizagem de seus alunos, mesmo quando a professora é contra a escola regular realizar a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, a mesma realiza adaptações em suas aulas e crê na capacidade de

seus alunos. Sejam quais forem estes estudantes, os mesmos terão acesso a princípios e valores humanizados, respeitosos e inclusivos por estas professoras. O caminho mostra-se ainda complicado, onde infelizmente alguns alunos sequer sabem de suas reais dificuldades, doenças ou necessidades. Os que possuem alguma suspeita devem enfrentar uma grande fila, vários processos e um longo tempo até conseguir um parecer, enquanto isso quais caminhos este aluno irá tomar?

Aguiar e Duarte (2005) remetem as atitudes inclusivas como manifestação da solidariedade, companheirismo, responsabilidade, cooperação, respeito ao outro, sem discriminação de características físicas, sexuais e sociais. Por meio deste estudo é possível notar a complexidade da inclusão escolar através do olhar que as professoras tem em relação aos aspectos desta Escola Municipal, os fatores mencionados que podem acabar por dificultar o acesso de alunos nas aulas de Educação Física, são espaços sem adaptações, como a existência de escadas e a falta de rampas, que não é o caso da escola onde foi realizado o estudo. Outro fator são os alunos que já possuem um pré-diagnóstico por parte dos pais ou professores e mesmo assim tem dificuldades no atendimento do Centro Municipal de Atendimento Especializado, devido à demora dos procedimentos. As professoras destacam a quantidade de alunos como um fato que divide a atenção do professor, dificultando um acompanhamento específico. Para superar estes fatos negativos é de suma importância para o aluno com NEE, a participação da família no acompanhamento da aprendizagem escolar e a união dos profissionais que atuam na escola, para formar uma equipe educacional de apoio ao aluno.

Dentre os avanços, a inserção do tutor no meio educacional é considerado de extrema importância pelas professoras, para auxiliar o aluno e facilitar a aprendizagem, porém infelizmente como relatam as professoras, estes profissionais não tem uma especialização adequada.

- **Entender como os professores compreendem este processo;**

A Escola Especial ganha destaque na fala da professora Luiza, onde ela vê que alunos com necessidades especiais teriam um atendimento especializado eficaz apenas nesta instituição. Porém, Rose e Elizangela contrariam esta

opinião dizendo que é possível realizar adaptações e dar aulas inclusivas ao alunos com NE em escolas regulares. Como as professoras disseram, algumas necessidades não são tão graves sendo possível contornar a situação e dar aulas de qualidade ao aluno, não havendo a necessidade de coloca-lo em um ambiente segregado, onde apenas estudem alunos com necessidades especiais. Porém, existem alunos que tem problemas graves de saúde, Elizangela considera a participação destes alunos em escolas regulares extremamente limitada, é possível que em uma escola especial este aluno tenha uma qualidade de ensino melhor. No entanto, o apoio do tutor pode levar a uma formação escolar de melhor qualidade ao aluno portador NEE, principalmente no aspecto da aprendizagem, entretanto este profissional não deve reforçar o processo de exclusão, reprimindo o aluno, brigando com o mesmo, acabando por dificultar ainda mais o trabalho do professor. As falas das professoras evidenciam a importância dos cursos de formação continuada, estes devem levar atualizações e informações importantes em relação ao trabalho pedagógico realizado nas escolas, com foco em levar o melhor para todos os alunos, interessar os professores, motivar suas práticas e apresentar conhecimentos relevantes.

- Refletir sobre as dificuldades, facilidades e estratégias do trabalho pedagógico dos professores de Educação Física com relação aos casos de inclusão.

A formação, as experiências, as práticas pedagógicas, as adaptações e as estratégias, utilizadas pelas professoras para com alunos portadores de necessidades educacionais especiais formam a base para este estudo., Através das respostas obtidas por meio das entrevistas, é possível ter um parâmetro em relação ao que estas profissionais pensam, realizam e desejam em suas aulas. Em relação aos casos de inclusão é possível notar que as professoras tem um cuidado maior para com alunos com problemas de saúde, já os alunos que tem problemas comportamentais, são considerados como casos mais graves, pois as professoras consideram complicado lidar com um aluno agressivo, agitado, que tem uma grande dificuldade para prestar atenção em sua explicação. Porém, são casos que podem ser contornados,

diagnosticados e superados por educador e educando, como mostram as professoras através de seus relatos, dentre estes alunos existem aqueles educados, que procuram ajuda do professor, há aquela aluna que apesar de suas dificuldades é participante, procura realizar as atividades propostas, tem determinação e o mais importante é uma criança feliz.

Houve um destaque pelas professoras para não haver a necessidade do professor realizar dois planejamentos, pois a aula é única para todos, todos os alunos devem ser respeitados e tratados iguais independente de suas características. O professor deve estar atento para cada detalhe durante suas aulas, para caso seja necessário realizar adaptações. É necessário procurar superar as dificuldades que aparecem durante o percurso do processo de ensino/aprendizagem, buscar aprender com seus alunos, pois a inclusão acontece quando todos conseguem, dentro de suas capacidades, participar e aprender, qualquer um pode encontrar dificuldades dentro de algum desafio, o principal aspecto é deixar os preconceitos de lado e superar as dificuldades. Tanto o professor quanto o tutor são mediadores e facilitadores da aprendizagem do aluno, cabe a eles oportunizarem aos alunos a oportunidade de fazer parte do processo educativo, de forma participativa.

O aprofundamento na temática inclusiva demonstra os vários aspectos que cercam os alunos durante sua formação escolar, através dos olhos de professoras que estão há vários anos lidando, todos os dias com estes estudantes. Esta pesquisa mostra que a Educação Inclusiva avançou muito desde a sua criação, como destaca Rodrigues (1998) a Escola Integrativa procurava ajudar o diferente desde que este tenha um parecer médico, ou seja, desde que seja um deficiente, já a Escola Inclusiva procura educar de forma apropriada e de qualidade, não só o deficiente, mas todos os que são diferentes e possuem alguma dificuldade. Porém em pleno século XXI, ainda há professores e alunos que sofrem devido à falta de estrutura adequada nas escolas, falta de tutores para alunos com NEE, ausência de especialização adequada na formação dos tutores, o alto número de alunos e a demora no atendimento ao aluno com NEE. Apesar do esforço do professor para com seus alunos, a principal instituição que deve investir na estrutura escolar é a Prefeitura Municipal em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação e a

Direção da Escola, para que hajam espaços adequados para os alunos com necessidades educacionais e tutores especializados para os alunos em escolas públicas. Aguiar e Duarte (2005) referem-se ao ensino de todos:

No âmbito escolar, os alunos “ditos normais” e seus pais têm apontado falhas na qualidade de ensino de nossas escolas de educação básica. Não é raro ouvir-se falar o quanto nossa educação é ruim e que não está preparada para ninguém. Esse é um dos desafios, espera-se que no futuro a escola inclusiva possa oferecer uma boa qualidade de ensino para todos e que não acabe sendo uma “utopia”. (AGUIAR E DUARTE, 2005, p. 237).

O problema não está simplesmente no apoio ao aluno, mas em um todo, que consiste desde os espaços da escola até a valorização do professor, de certa forma são circunstâncias que devem ser repensadas, como: através da qualificação na formação do professor com um foco maior para os aspectos que envolvem a escola, junto a uma formação continuada de qualidade. Também é preciso rever o tempo dos processos no Centro Municipal de Atendimento Especializado, talvez contratar mais funcionários, organizar os procedimentos para desenvolver um trabalho com melhor eficiência. O funcionamento dos CMAES é uma incógnita onde podem surgir estudos futuros para uma melhor compreensão do seu funcionamento e a formação de embasamentos para futuros estudos. Seria interessante o desenvolvimento de pesquisas quantitativas na área da inclusão escolar, para observar quantos alunos possuem tutor nas escolas, quantos alunos com necessidades educacionais especiais existem em cada escola, são dados importantes que podem fundamentar estudos futuros. Por fim vale ressaltar as convicções das professoras quanto a inclusão, princípios que envolvem o respeito à diferença, através do trabalho em equipe, do cuidado e da solidariedade com o próximo.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S.; DUARTE, **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**. Campinas: Revista Brasileira de Educação Especial, v. 11, n. 2, jun. 2005.

BRACHT, V. **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** In: SOUZA JÚNIOR, M. Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

CHICON, José Francisco. **Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar**. 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1153/115316019002/>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

COSTA, Alberto Martins; SOUSA, Sônia Bertoni. **Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

COSTA, A. M.; BITTAR, A. F. **Metodologia aplicada ao deficiente físico. In Curso de Capacitação de Professores Multiplicadores em Educação Física Adaptada**. Brasília: MEC; SEEP, p. 83-100, 2004.

Decreto de Salamanca Sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais – UNESCO, 1994.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013.

Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba, 2001.

Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, 2001.

FALKENBACH, Atos Prinz; NUNES, Dileni Penna. **A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação**

infantil. Revista Movimento. Porto Alegre, v.13, n. 02, p.37-53, maio/agosto de 2007. Acessado: em 20 maio 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4º Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8º ed. Rio de Janeiro: Record, p. 1-107, 2004.

Informações sobre: Osteogênese imperfeita - Fonte: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/osteogenese-imperfeita-ossos-de-vidro/> - Escrito por: Maria Helena Varrela Bruna

Informações sobre: Transtorno Opositor Desafiador - Fonte: <https://neurosaber.com.br/entenda-o-que-e-o-transtorno-opositivo-desafiador-tod/>

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí, Editora Unijuí. 6. ed. p. 0-160, 1994.

MANDARINO, Marques Cláudio. **A Educação Física e a Questão da Inclusão dos Alunos com “Necessidades Educacionais Especiais”.** Revista Sobama. Porto Alegre. Dezembro 2004, Vol. 9, n.1, p. 35-38.

MYNAIO, Souza de Cecília Maria, DESLANDES, Ferreira Suely, NETO, Cruz Otavio, GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

PALLA, Ana Claudia e MAUERBERG-DECASTRO, Eliane. **ATITUDES DE PROFESSORES E ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO AO ENSINO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM AMBIENTES INCLUSIVOS.** São Paulo: Sobama, v. 9, n. 1, 24 dez. 2004. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/vol9no12004.pdf#page=31>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

Projeto Político Pedagógico – Escola Municipal Miguel Krug – 2017 - Grade Curricular - <http://www.bio.ufpr.br/portal/def/plano-de-ensino/> - Acessado em 17 de junho de 2018

Presidência da República, **DECRETO Nº 60.091, DE 18 DE JANEIRO DE 1991**, Regulamenta o regime do tempo integral e dedicação exclusiva.

RODRIGUES, David. **A EDUCAÇÃO FÍSICA PERANTE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REFLEXÕES CONCEPTUAIS E METODOLÓGICAS**. 1998. Disponível em: <<https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/viewFile/111/98>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

RODRIGUES, David (2003). **Educação inclusiva. As boas e as más notícias**. In David Rodrigues (org.), *Perspectivas sobre a inclusão. Da educação à sociedade*, Editora Porto.

SAINT-LAURENT, L. A educação de alunos com necessidades especiais. In: MANTOAN, M.T.E. et al. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997. p. 67-76.

SANCHES, Isabel; TEODORO, Antonio. **Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos**: Revista Lusófona de Educação. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n8/n8a05.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma rena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 117-138.

VASCONCELLOS Alice Sonaglio et al. **INCLUSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE: REFLEXÕES SOBRE AS PERCEPÇÕES DOS EDUCANDOS COM DEFICIÊNCIA**: Revista de Educação Física da

UFRGS. 2016. Disponível em:
<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/57126/38853>>.
Acesso em: 05 set. 2018.

VAGO, Tarcísio Mauro. **PENSAR A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: PARA UMA FORMAÇÃO CULTURAL DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE**. Cadernos de Formação RBCE, Belo Horizonte, p.25-42, set. 2009.

Vaz, Alexandre Fernandez. **Aspectos, Contradições e Mal-entendidos da Educação do Corpo e a Infância**. Revista Motrivivência, Florianópolis, Santa Catarina. v. 19, p. 1-7, 2002.